

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC FABIANO CORREIA DAS NEVES

**DOMINÂNCIA RÁPIDA COM “CHOQUE E PAVOR”:
Análise da Estratégia Aérea na Operação *Iraqi Freedom* em 2003**

Rio de Janeiro

2024

CC FABIANO CORREIA DAS NEVES

**DOMINÂNCIA RÁPIDA COM “CHOQUE E PAVOR”:
Análise da Estratégia Aérea na Operação *Iraqi Freedom***

Dissertação apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CMG (RM1) Otacílio Bandeira Peçanha.

Rio de Janeiro
Escola de Guerra Naval

2024

DECLARAÇÃO DA NÃO EXISTÊNCIA DE APROPRIAÇÃO INTELECTUAL IRREGULAR

Declaro que este trabalho acadêmico: a) corresponde ao resultado de investigação por mim desenvolvida, enquanto discente da Escola de Guerra Naval (EGN); b) é um trabalho original, ou seja, que não foi por mim anteriormente utilizado para fins acadêmicos ou quaisquer outros; c) é inédito, isto é, não foi ainda objeto de publicação; e d) é de minha integral e exclusiva autoria.

Declaro também que tenho ciência de que a utilização de ideias ou palavras de autoria de outrem, sem a devida identificação da fonte, e o uso de recursos de inteligência artificial no processo de escrita constituem grave falta ética, moral, legal e disciplinar. Ademais, assumo o compromisso de que este trabalho possa, a qualquer tempo, ser analisado para verificação de sua originalidade e ineditismo, por meio de ferramentas de detecção de similaridades ou por profissionais qualificados.

Os direitos morais e patrimoniais deste trabalho acadêmico, nos termos da Lei 9.610/1998, pertencem ao seu Autor, sendo vedado o uso comercial sem prévia autorização. É permitida a transcrição parcial de textos do trabalho, ou mencioná-los, para comentários e citações, desde que seja feita a referência bibliográfica completa.

Os conceitos e ideias expressas neste trabalho acadêmico são de responsabilidade do Autor e não retratam qualquer orientação institucional da EGN ou da Marinha do Brasil.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, cuja graça e bênçãos sem fim norteiam o caminho da minha vida e minha família.

Agradeço ao meu orientador, CMG (RM-1) Peçanha, pela sua disponibilidade, paciência e orientações, desempenhando um papel fundamental na condução deste trabalho. Comandante, é admirável sua erudição, sabedoria, compromisso com a excelência. Obrigado por ajudar sobremaneira com a confecção deste trabalho.

Estendo meus sinceros agradecimentos aos demais instrutores da Escola de Guerra Naval. Suas lições e profissionalismo não apenas me proporcionaram um ambiente de aprendizado rico e estimulante, mas também modelaram uma boa abordagem à pesquisa.

Finalmente, agradeço com imensa gratidão à minha família. À minha dileta esposa Renata, cujo amor, apoio e compreensão foram pilares familiares neste processo. Aos meus preciosos filhos Lucas e Henrique, que ainda tão pequenos para entender a importância dessa minha ausência, mas que proporcionaram inenarráveis momentos de felicidade quando podemos estar juntos. Agradeço também, especialmente, ao meu, sempre presente, sogro Rodinei, que foi um verdadeiro pai para os pequenos na minha ausência.

A todos vocês, minha mais profunda gratidão. Este trabalho é dedicado a vocês.

RESUMO

A dissertação em questão apresenta uma análise detalhada da doutrina "*Rapid Dominance*" (Dominância Rápida) e sua aplicação durante a Operação *Iraqi Freedom* (2003-2011) pelas Forças Armadas Americanas. O objetivo central é investigar se a doutrina, que incorpora o conceito de "*Shock and Awe*" (Choque e Pavor), foi realmente implementada e se teve eficácia nos ataques aéreos durante o avanço das tropas de março a abril de 2003. O texto acadêmico está estruturado em cinco capítulos, começando com uma introdução ao uso de aeronaves na guerra, destacando a evolução de seu papel estratégico desde a Primeira Guerra Mundial até a introdução da doutrina "*Rapid Dominance*". Esta doutrina, visa a rápida submissão do inimigo por meio de ataques massivos e precisos, desestabilizando tanto física quanto psicologicamente o adversário. No segundo capítulo, são descritos os fundamentos teóricos da doutrina de "*Rapid Dominance*" e da Paralisia Estratégica de John Warden que propõe o "Sistema de Cinco Anéis", onde o centro (liderança) é o alvo mais crítico. O terceiro capítulo fornece um resumo da Operação *Iraqi Freedom*, com foco nos ataques aéreos e na aplicação prática das teorias estudadas. A operação é contextualizada historicamente, tendo como estopim os ataques de 11 de setembro de 2001. É enfatizado que a estratégia americana buscava uma rápida vitória com o mínimo de baixas, utilizando ataques aéreos precisos para desmantelar o governo de Saddam Hussein. O quarto capítulo analisa casos específicos da operação à luz das teorias apresentadas. Os casos estudados estão o bombardeio de Dora Farms, a tentativa de dominação da elevação Jabal Sanam, a tomada da ponte da Rodovia 1, o fratricídio em Nasiriyah e a falha no ataque dos helicópteros Apache. A análise revela que, apesar do sucesso geral da operação, houve várias falhas na aplicação das doutrinas devido à insuficiência de inteligência, coordenação tática e planejamento operacional. Por fim, a conclusão sintetiza os achados, afirmando que, embora a Operação *Iraqi Freedom* tenha sido um sucesso militar, a aplicação plena da doutrina de "*Rapid Dominance*" foi prejudicada por diversos fatores operacionais e tecnológicos. A dissertação destaca a importância crucial de inteligência precisa e coordenação eficiente para a efetiva implementação de estratégias militares modernas.

Palavras-chave: Dominância Rápida. Choque e Pavor. Operação *Iraqi Freedom*. Poder Aéreo. Inteligência Militar.

ABSTRACT

Rapid Dominance with Shock and Awe: Analysis of Air Strategy in Operation Iraqi Freedom

The dissertation in question presents a detailed analysis of the "Rapid Dominance" doctrine and its application during Operation Iraqi Freedom (2003-2011) by the American Armed Forces. The central objective is to investigate whether the doctrine, which incorporates the concept of "Shock and Awe," was truly implemented and effective in air strikes during the troop advance from March to April 2003. The academic text is structured into five chapters, beginning with an introduction to the use of aircraft in warfare, highlighting the evolution of its strategic role from World War I to the introduction of the "Rapid Dominance" doctrine. This doctrine aims for the rapid submission of the enemy through massive and precise attacks, destabilizing the adversary both physically and psychologically. In the second chapter, the theoretical foundations of the "Rapid Dominance" doctrine and John Warden's Strategic Paralysis are described, proposing the "Five Rings System," where the center (leadership) is the most critical target. The third chapter provides a summary of Operation Iraqi Freedom, focusing on air strikes and the practical application of the studied theories. The operation is historically contextualized, with the trigger being the attacks of September 11, 2001. It is emphasized that the American strategy sought a quick victory with minimal casualties, using precise air strikes to dismantle Saddam Hussein's government. The fourth chapter analyzes specific cases of the operation in light of the presented theories. Among the cases studied are the bombing of Dora Farms, the attempt to dominate the Jabal Sanam elevation, the capture of the Highway 1 bridge, fratricide in Nasiriyah, and the failure of the Apache helicopter attack. The analysis reveals that, despite the overall success of the operation, there were several failures in the application of the doctrines due to insufficient intelligence, tactical coordination, and operational planning. Finally, the conclusion synthesizes the findings, stating that although Operation Iraqi Freedom was a military success, the full application of the "Rapid Dominance" doctrine was hindered by various operational and technological factors. The dissertation highlights the crucial importance of precise intelligence and efficient coordination for the effective implementation of modern military strategies.

Keywords: Rapid Dominance. Shock and Awe. Operation Iraqi Freedom. Air Power. Military Intelligence.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CIA	<i>Central Intelligence Agency</i> (Agência Central de Inteligência)
CG	Centro de Gravidade
EUA	Estados Unidos da America
ONU	Organização das Nações Unidas
URSS	União das Repúblicas Socialista Soviéticas
USAF	<i>United States Air Force</i> (Força Aérea dos Estados Unidos)
TST	<i>Time Sensitive Target</i> (Alvo Urgente)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	ENTENDENDO “<i>RAPID DOMINACE</i>”	10
2.1	MOTIVOS PARA O ESTUDO DE UMA NOVA DOCTRINA.	10
2.2	A DOMINÂNCIA RÁPIDA ATRAVÉS DO “CHOQUE E PAVOR”.	12
2.3	O SISTEMA DE CINCO ANÉIS E A PARALISIA ESTRATÉGICA DE JOHN WARDEN.	18
3	DAS JUSTIFICATIVAS ÀS AÇÕES	22
3.1	UM INIMIGO SEM EXÉRCITO.....	22
3.2	NO TRANSCURSO DA CONTENDA.....	27
4	O “CHOQUE E PAVOR” NO CAMPO DE BATALHA	38
5	CONCLUSÃO	45
	REFERÊNCIAS	48

1 INTRODUÇÃO

O avião, tão logo tenha sido criado na primeira década do século 20, em cerca de 10 anos já estava sendo utilizado como um promissor elemento da guerra, inicialmente para superar o impasse das trincheiras, como uma forma de esclarecimento para facilitar o tiro de artilharia e depois para fazer o bombardeio além delas. E desde então, independente dos defensores ou dos opositores ao tamanho de sua importância nas decisões dos conflitos, esse equipamento vem sendo largamente utilizado, como uma arma estratégica de ataque, que evolui sua aplicabilidade constantemente e principalmente pela introdução de novas tecnologias.

Dentre as várias possibilidades de utilização aeronáutica, uma doutrina relativamente nova se pauta muito neste artefato, a “*Rapid Dominance*”¹, que aplica os conceitos de “*Shock and Awe*”², teorizado em 1996 por Harlan K. Ullmann (1941) e James P. Wade (1930–2017).

Não muito distante, em 2003, as Forças Armadas Americanas tiveram a oportunidade que colocar em prática a nova doutrina, em um conflito repleto de inovações tecnológicas contra o Iraque, na tentativa de depor o seu líder Saddam Hussein.

Desta forma, o objetivo deste trabalho é identificar se esta doutrina foi de fato posta em prática na Operação *Iraqi Freedom*³ (2003-2011) pelos Estados Unidos da América (EUA) contra o Iraque, dando ênfase aos momentos em que a arma aérea foi utilizada no avanço de março e abril do primeiro ano, onde os americanos intencionavam realizar uma rápida campanha e tinham premência por desmantelar o governo de Saddam Hussein com o mínimo de perdas de vidas.

Neste contexto, enquanto as tropas americanas e inglesas realizavam seu deslocamento do Kuwait a Bagdá, a seguinte questão de pesquisa se coloca: A doutrina da Dominância Rápida, que utiliza o conceito de “Choque e Pavor”, foi efetivamente aplicada na operação *Iraqi Freedom* de 2003, no contexto dos ataques

¹ Dominância Rápida - (Tradução nossa). A partir deste momento, este será o termo utilizado para referir-se à teoria.

² Choque e Pavor - (Tradução nossa). A partir deste momento, este será o termo utilizado para referir-se à teoria.

³ Liberdade Iraquiana (Tradução nossa).

aéreos? A hipótese é que não, em função de sua imensa complexidade operacional, e até tecnológica, para aplicação plena.

Para além do cerne da questão, a fim de atingir o objetivo da pesquisa, será abordada a teoria da paralisia estratégica de John Warden, uma vez que a mesma prioriza a incapacitação do adversário em detrimento a sua destruição.

Para o alcance do objetivo e o efetivo teste da hipótese, foi estabelecido como desenho de pesquisa neste trabalho a comparação da teoria com a realidade documentada.

A pesquisa será apresentada nesta dissertação em cinco capítulos. O primeiro capítulo é esta introdução. O segundo capítulo, descreverá os Fundamentos da Teoria do “Choque e Pavor” e também da Paralisia Estratégica de Warden. No terceiro capítulo, será apresentado um breve resumo da participação da Operação *Iraqi Freedom*, com especial atenção ao contexto das ofensivas com utilização da arma aérea. Dos três primeiros capítulos serão extraídos conteúdos de interesse para a avaliação da hipótese e para responder às questões da pesquisa. O quarto capítulo, apresentará uma análise à luz das teorias e dos casos apresentados, e da hipótese assumida. O quinto capítulo, consistirá na conclusão dessa pesquisa.

2 ENTENDENDO “*RAPID DOMINANCE*”

Neste capítulo iremos abordar os conceitos que sustentarão este estudo, sendo a primeira e segunda seção dedicadas a doutrina de “*Rapid Dominance*”⁴ que abarca a aplicação de “Choque e Pavor”, onde iremos expor as principais causas para sua criação e em seguida pormenorizar a mesma, apresentando nosso arcabouço teórico. Porém, para engrandecer a pesquisa é relevante, holisticamente, atentarmos aos conceitos de “Paralisia Estratégica” e o “Sistema de Cinco Anéis” do Coronel John Warden, que serão tratados na terceira seção.

2.1 MOTIVOS PARA O ESTUDO DE UMA NOVA DOCTRINA.

Na segunda metade dos anos 90, percebeu-se que poderia ser melhorada a até então estratégia padrão utilizada pelos EUA, que evoluiu desde o final da Segunda Guerra, denominada doutrina de “Força Esmagadora ou Decisiva”. Essa metodologia, norteou a criação e manutenção de uma gigantesca força armada, sem sombra de dúvidas a maior e mais poderosa entre todas as nações naquele momento (Ullman e Wade, 1996).

A aplicação da Força Esmagadora caracteriza uma abordagem tradicional de força sobre força, numa constante busca da estratégia de desgaste ou aniquilação. Essa metodologia enfatiza o uso de poderio militar de maneira intensa e direta, visando superar o inimigo por meio da superioridade numérica e tecnológica. Ao empregar essa tática, as forças armadas procuram não apenas impor uma vitória rápida, mas também desestabilizar a moral do adversário, causando um impacto psicológico significativo. Assim, a Força Esmagadora se torna uma ferramenta de pressão contínua, destinada a minar a capacidade de resistência do oponente ao longo do tempo. (Gibson, 2001).

Ademais, a Operação Tempestade no Deserto, realizada em 1991, não apenas resultou na libertação do Kuwait, mas também se destacou como um exemplo emblemático da eficácia da doutrina em questão. Durante essa operação, as forças da coalizão demonstraram um planejamento estratégico meticuloso e uma execução tática precisa, que juntos contribuíram para o sucesso da missão. A coordenação

⁴ Dominância Rápida (nossa tradução)

entre as diversas unidades e nações envolvidas foi um fator crucial, permitindo que as tropas se movessem de maneira ágil e eficiente no campo de batalha. Além disso, a utilização de tecnologia avançada na guerra aérea proporcionou uma vantagem significativa sobre as forças inimigas. Assim, a operação não apenas restaurou a soberania do Kuwait, mas também solidificou a imagem da Força Esmagadora como uma abordagem viável e eficaz em cenários de conflito complexo. (Ullman e Wade, 1996)

Porém, essa condição de inigualável superioridade acabou proporcionando alguns questionamentos, tais quais: será que esta força foi e é preponderante ou importante quando são colocadas em pauta questões políticas? Até que ponto manter e investir nessa poderosa aplicação de força é viável para os pagadores de impostos americanos? (Ullman e Wade, 1996).

Releva observar, que após a queda da União das Repúblicas Socialista Soviéticas (URSS), o fato de não existir uma força que se assemelhe a estadunidense, não implica acreditar que não haja inimigos. A criatividade e simplicidade podem ser bastante perigosas no contexto da guerra irregular, assim como fizeram os norte-Vietnamitas, o que justifica a busca por superioridade tecnológica e informacional permanente, como ressaltado por Ullman e Wade:

Por cinco décadas, temos sido [EUA] bem-sucedidos na aplicação de contenção e dissuasão na Guerra Fria. Quando a dissuasão ou a diplomacia falharam como no Kuwait, então o uso da força era inevitável. Uma questão de primeira ordem é como podemos aumentar ou melhorar o uso da capacidade militar existente, caso seja necessário⁵ (Ullman e Wade, 1996, p.8, nossa tradução).

Então, em 1996, um grupo de estudos capitaneado pelos estrategistas militares Harlan K. Ullman, e James P. Wade lança um artigo, que depois foi transformado em livro, cujo título: “Shock and Awe: Achieving Rapid Dominance”⁶ onde, segundo Ullman “[...] tinha a intenção de desencadear um debate político dentro do Pentágono sobre como lutar em guerras com a melhoria da tecnologia, mas com um número menor de tropas.”⁷ (Shock [...], 2003, nossa tradução).

⁵ For five decades, we have been successful in applying containment and deterrence in the Cold War. When deterrence or diplomacy failed as in Kuwait, then the use of force was inevitable. A first-order issue is how can we augment or improve the use of existing military capability should it be required.

⁶ Choque e Pavor: Alcançando a Dominância Rápida (tradução nossa)

⁷ [...] was intended to spark a policy debate inside the Pentagon about fighting wars with improving technology but a smaller number of troops.

2.2 A DOMINÂNCIA RÁPIDA ATRAVÉS DO “CHOQUE E PAVOR”.

A doutrina tecnicamente conhecida como Dominância Rápida, prevê a destruição do inimigo, ou sua derrota, de forma mais eficiente, com menos perdas, tanto do atacante quanto do inimigo. Para tal, busca-se a utilização de ataques de longo alcance, extremamente precisos, e de sistemas de autodefesa eficazes, combinados com a obtenção de perfeitas informações do campo de batalha em seus amplos aspectos técnicos (Filho, 2018).

O principal objetivo é impactar a vontade de lutar do inimigo, sua percepção dos fatos, bem como a compreensão da verdade deles, para que este adversário acabe por se adequar, aceitando os objetivos estratégicos e políticos do atacante. Tudo isso depende da imposição de um consistente regime de “Choque e Pavor”. Para que o sucesso desse objetivo seja alcançado, tal regime deve ser avassalador e expedito, na busca de paralisar a consciência motora do adversário (Linkous, 2003).

Não obstante, sempre foi entendido que podemos impor nossa vontade política sobre o inimigo, seja o derrotando ou ameaçando derrotá-lo. Todavia Liddell Hart sugere que impor um sentimento de impotência, e vulnerabilidade, induziria um sentimento de desesperança. E é essa perda da esperança na vitória, e não a perda de vidas, que decide as questões da guerra (Gibson, 2001).

Literalmente, “Dominância” ou “Domínio” requer que a força seja capaz de afetar a vontade de um adversário, subjugando-o tanto física quanto psicologicamente. Ou seja, o campo físico engloba a capacidade de destruir, perturbar, desarmar, neutralizar, fazendo a força inimiga impotente. Já o domínio psicológico vai mais a fundo e explora a capacidade de destruir, neutralizar e derrotar a importante vontade de resistir do adversário. Não obstante, deve-se convencer o mesmo de aceitar os objetivos e termos pretendidos (Ullman e Wade, 1996).

A componente “Rápida” é da mesma forma crucial, pois está intimamente ligada ao próprio movimento, que deve ser expedito e ágil, buscando surpreender o adversário antes que ele tenha a oportunidade de reagir. Essa rapidez não se limita apenas ao momento do confronto direto, mas deve ser aplicada em um amplo espectro do combate, abrangendo tanto as manobras táticas quanto a execução de estratégias. É importante ressaltar que a sua relevância se estende até mesmo ao período pré-conflito, onde ações rápidas e bem coordenadas podem definir o sucesso das operações (Ullman e Wade, 1996).

Nesse diapasão é crucial observarmos a influência da teoria de John Boyd, onde o mesmo argumenta que os ataques devem ser planejados e executados numa grande variedade de frentes e num tempo mais rápido possível, e esses ataques devem ser moral-mental-físico, visando dismantelar a fibra moral do inimigo, desorientar suas imagens mentais, interromper suas operações e sobrecarregar seu sistema. Isso representado em um ciclo de tomada de decisão conhecido como ciclo OODA (Observar, Orientar, Decidir, Agir), onde Boyd teorizou que “[...] em conflito, o vencedor será o combatente que passar mais rapidamente por esse ciclo.”⁸ (Linkous, 2003, p. 4, nossa tradução). O que é aderente a rapidez necessária visando impor o “Choque e Pavor”.

Não obstante, é importante entendermos que há a necessidade de combinar dois fatores primordialmente: a precisão e a consciência do campo de batalha. Uma vez que uma alta consciência, ou seja, conhecimento apurado ambiental, e uma precisão extrema dos artefatos balísticos utilizados, são capazes de criar efeitos contra alvos inimigos aproximadamente comparáveis à letalidade de ataques nucleares, em níveis de teatro de guerra. (Ullman e Wade, 1996).

A despeito de Ullman esclarecer em entrevista, no período da Segunda Guerra do Golfo que:

O uso de armas nucleares nunca foi a intenção dessa estratégia, mas a capacidade de transformar a resistência suicida em rendição passiva é seu exemplo supremo. Os japoneses abandonaram a luta porque não podiam compreender a sequência de um plano, uma bomba e adeus a uma cidade inteira, aquilo foi Choque e Pavor, sim. Mas o que nós propomos é usar uma força muito menor, e não contra civis. Logo, não é o caso de traçar comparações falsas (Prados, 2003).

O que é proeminentemente inovador na doutrina de Dominância Rápida é a montagem e integração abrangente de um sistema com muitos avanços tecnológicos, com aplicação consciente no campo de batalha, tudo em simultaneidade. Logo, também era premente, e continua sendo, o investimento em formação e captação de pessoal altamente especializado, uma vez que os mesmos devem ser os melhores dos melhores, para manter as forças em seu mais alto grau de poder (Ullman e Wade, 1996).

⁸ in conflict, the winner will be the combatant who steps more quickly through this loop, thus moving and acting within an adversary's decision cycle

Além do que, pela doutrina, busca-se um exército mais eficiente e menor, com a tecnologia da informação integrada. Isso implica a implementação de sistemas avançados que possibilitem a coleta e a análise de dados em tempo real, permitindo uma tomada de decisão mais rápida e precisa. Explora-se, assim, o domínio da informação como um dos pilares fundamentais para a eficácia das operações militares. A superioridade tecnológica, aliada a um conceito de combate de precisão, são características muito aderentes ao exército americano, que investe constantemente em inovação. Dessa forma, a integração dessas tecnologias não apenas otimiza recursos, mas também maximiza o impacto das ações militares, tornando-as mais estratégicas e eficazes. Essa abordagem reflete uma mudança paradigmática na forma como as forças armadas se preparam para enfrentar os desafios contemporâneos. (Filho, 2018).

Para clarear o entendimento de “Choque e Pavor” cabe pormenorizar, em exemplos práticos e históricos, suas aplicabilidades e diferenças, entre principais pontos positivos e negativos:

Primeiramente, a doutrina que vigorou nas forças armadas americanas desde o fim da Segunda Guerra, a “Força Esmagadora ou Decisiva”, assemelha-se muito com a de “Choque e Pavor”, uma vez que institui imponente preocupação junto aos possíveis adversários, dissuadindo os mesmos em sua essência. Porém, tem como pontos negativos primordialmente os grandes gastos necessários para manter a supremacia, eminentemente numérica, bem como a imensa dificuldade logística, toda vez que a força é aplicada em sua plenitude. Soma-se a isso, um cenário onde outros Estados tendem a diminuir seus gastos com defesa, como era aparentemente o caso dos governos no final do último século. Fica então inviável defender os investimentos necessários para manter uma força esmagadora junto ao poder político, e ainda uma grande dificuldade está em aplicá-la de forma rápida, principalmente quando necessária em lugares ermos.

Mas a principal diferença, segundo Ullman e Wade, (1996, p.22, nossa tradução) “[...] é que o Domínio Rápido prevê uma aplicação mais ampla da força por meio de um espectro maior de pontos de alavancagem para impor ‘Choque e Pavor’”⁹, ou seja, a doutrina da Dominância Rápida, buscará impor o “Choque e Pavor” mediante um amplo espectro, com informação, inteligência e tecnologia maiores. De

⁹ [...] is that Rapid Dominance envisages a wider application of force across a broader spectrum of leverage points to impose Shock and Awe.

forma mais completa do que é abordado mais simplesmente numa força avassaladora.

Como segundo exemplo temos as bombas de “Hiroshima e Nagasaki”, como já comentado, que é uma imposição de “Choque e Pavor” de forma momentânea, com destruição inacreditável, que exemplifica uma demonstração de como atingir diretamente a vontade de toda uma população ou nação de resistir. Porém, fica evidente que sua maior deficiência é a indisposição política dos governantes de chegar até o ponto de usar as bombas nucleares ou termonucleares, e as possíveis implicações negativas da sua utilização, tanto no campo político quanto no estratégico, haja vista as prováveis retalhações (Ullman e Wade, 1996).

Outra forma de aplicação histórica do “Choque e Pavor” é o “Bombardeio Massivo”, que desde os casos mais conhecidos da Segunda Guerra, como o de Dresden, até os mais recentes, como os do Vietnã, tem evoluído grandemente em precisão, o que diminui a destruição irrestrita. Porém, para a efetividade de “Choque e Pavor”, a despeito dos pensamentos iniciais de sua aplicação como estratégia aérea, onde segundo Douhet (1988), logo no arvorecer de sua utilização, a arma aérea já demonstrava grande aptidão para uma destruição avassaladora, o que parece decisivo, uma vez que o ser humano tenderia a se render frente ao medo de potenciais grandes perdas. Mas que pouco se conseguiu pela experiência histórica, e é pouco provável que se consiga efeito imediato na vontade de um adversário. Logo, esse tipo de ataque hoje, para ter efeito, caso seja justificado politicamente, será necessária aplicação massiva de força durante bastante tempo, indo de encontro a Dominância Rápida. (Ullman e Wade, 1996)

Além desses, um exemplo interessante é a “*Blitzkreig*”¹⁰, que demonstrava uma excelente forma de aplicação do “Choque e Pavor”, como poder cirúrgico. Em pontos bastante focais e efetivamente concentradas, visando economias de escala totais. A *Wehrmacht*¹¹ aplicava tal doutrina com muita inteligência e brilhantismo, onde a linha inimiga, após sondada, tinha seus pontos mais fracos explorados e assim se causava o colapso das forças. É desta forma, coerente afirmar que, como a tecnologia atual e o conhecimento amplo de inteligência e controle das informações, frente ao adversário, atuar nos moldes da *Blitzkreig* é um excelente exemplo de “Choque e

¹⁰ Guerra relâmpago (tradução nossa).

¹¹ Forças armadas da Alemanha nazista.

Pavor”, a despeito de não ser viável em alguns casos, como num embate contra uma guerrilha (Ullman e Wade, 1996).

Os exemplos apresentados servem principalmente para demonstrar que o “Choque e Pavor” há muito é buscado e pode ser atingido, dependendo da vontade dos políticos e decisores em garantir uma segurança nacional, com uma defesa adequada e efetiva.

Cabe também lembrar, que o engano e a desinformação são elementos cruciais da guerra, como já alertava Clausewitz. Sobretudo quando combinados com a tecnologia. Com o gerenciamento completo de assinaturas eletrônicas, grandes formações, com poderosas forças navais, poderiam parecer pequenas e vice-versa, isso também em terra. Para tanto, faz-se necessário regular toda e qualquer informação espectral e de inteligência para o inimigo, sendo assim ainda mais do que negação ou engano, é o próprio controle no sentido mais amplo (Ullman e Wade, 1996)

Em última análise, se há o desejo de impor “Choque e Pavor” suficiente para influenciar a vontade de um adversário, devemos focar em quatro características principais para uma força configurada em Dominância Rápida: Primeiramente é indispensável conhecer plenamente a si mesmo, seu adversário e o ambiente. Esse conhecimento deve ir muito além do campo de batalha, pois permeia também os níveis políticos, estratégicos, econômicos e militar/operacional. Engloba compreender o pensar do adversário, inclusive sua cultura. Isso se impõem, já que somente com um nível tão alto desse conhecimento será possível determinar a melhor forma de quebrar a vontade adversária de combater, e onde focar para causar o efeito do “Choque e Pavor” (Linkous, 2003).

Tal como o investidor sábio e não o especulador que só está familiarizado com uma determinada empresa e não com o mercado de ações em geral, a força de Dominância Rápida deve ter conhecimento e compreensão completos de muitos prováveis adversários e regiões. Esta exigência de conhecimento e compreensão colocará um enorme e novo fardo sobre as forças militares e exigirá mudanças fundamentais na política, organização, formação, educação, estrutura e equipamento”¹² (Ullman e Wade, 1996, p.92, nossa tradução).

¹² Rather like the wise investor and not the speculator who is only familiar with a particular company and not the stock market in general, the Rapid Dominance force must have complete knowledge and understanding of many likely adversaries and regions. This requirement for knowledge and understanding will place a huge, new burden on the military forces and neces sitate fundamental changes in policy, organization, training, education, structure, and equipage.

Em segundo está a rapidez, que deve ser entendida como a combinação de velocidade, oportunidade e agilidade com a capacidade de manter o controle, inclusive após um possível choque inicial contrário. Desta forma é imperativo que se deve agir mais rápido que o adversário, pois uma ação rápida pode atuar como antídoto de um possível ataque surpresa adverso, neutralizando quaisquer vantagens opositoras. (Ullman e Wade, 1996)

O brilhantismo, sendo a terceira característica, que vai muito além do campo de batalha, atua diretamente na doutrina e no aprimoramento da tropa, do menor ao maior escalão, passando pela inevitável autonomia de decisão, no que tange a descentralização, até as tropas individuais. Como expõem Ullman e Wade, (1996, p.93, nossa tradução), “A questão não é apenas ‘lutar de forma mais inteligente’. É aprender a lutar com padrões ainda mais elevados de habilidade e competência.”¹³

E como última característica, mas não menos importante, o controle ambiental deve ser total, sendo este na terra, no mar, no ar, no espaço e nos meios onde a informação é transmitida e recebida. Para tal é indispensável a gestão da assinatura em todo o espectro do conflito. Aqui a rapidez também corrobora para o engano, desinformação e gestão dos alvos, conforme Ullman e Wade, (1996, p. 94, nossa tradução) “Ao privar um adversário do uso físico do tempo, do espaço e do éter, jogamos com a vontade do adversário e oferecemos a perspectiva de destruição certa, caso a resistência se siga”¹⁴.

Dando continuidade aos estudos originais, Ullman e Wade, apresentaram posteriormente uma peça complementar intitulada “Shock and Awe, Rapid Dominance: A Force For All Seasons”,¹⁵ em que apresentava conceitos futuristas, e que pretendiam mostrar como seriam utilizados “artilharia global”, “brigadas de confusão” e “uso extensivo de veículos aéreos não tripulados” em casos de resposta a grandes crises regionais. Os autores estabeleceram também um conceito básico de “ondas de assalto rolantes”, onde, apresentando de forma sucinta, se prevê uma resposta inicial com ataques aéreos, mísseis e aplicação das forças de operações especiais, em um a três dias do início da contenda. Em seguida, uma força-tarefa conjunta, denominada brigada de confusão, responderá dentro de cinco a dez dias,

¹³ The matter is not just “fighting smarter.” It is learning to fight at even higher standards of skill and competence

¹⁴ By depriving an adversary of the physical use of time, space, and the ether, we play on the adversary’s will and offer the prospect of certain destruction should resistance follow.

¹⁵ Choque e Pavor, Domínio Rápido: Uma Força para todos os Momentos (nossa tradução)

com outra brigada, seguindo em dez a trinta dias, essas compostas por cerca de apenas 2.000 soldados cada, que poderiam se contrapor a até 20.000 soldados inimigos. Se ainda assim, durante essa manobra o inimigo não se render, serão mobilizadas pesadas forças terrestres, que deverão estar prontas em algumas semanas. De forma contínua e faseada, as forças fluirão, e sua proteção durante o acúmulo de investidas advém da capacidade ofensiva superior e rápida, além do perfeito controle do ambiente, encobrindo o inimigo e deixando o “cego”, induzindo que ele perceba somente o que deseja ver, fruto de operações contínuas de guerra de informação. (Linkous, 2003)

Porém, o que se pode constatar com a visão de Ullman e Wade, sobre respostas a grandes crises regionais é que, apesar de aplicarem armamento de ponta e estrutura de força inovadora, com cronograma muito curto, não se trata de uma visão tão revolucionária assim, uma vez que o pensamento estratégico que aplica ondas de ataques aéreos, ou mísseis de cruzeiros, entre outros, não é novo. E ainda, pensando no uso massivo de forças especiais, operações de guerra de informações junto à tropas terrestres, “Choque e Pavor” é, em última análise, uma extensão das teorias de poder aéreo coercitivo desenvolvidas após a Operação Tempestade no Deserto, tendo assim forte influência de Boyd e Warden. (Linkous, 2003)

Logo, em “Choque e Pavor”, tenta-se uma utilização mais efetiva e cirúrgica da teoria dos antigos bombardeios estratégicos, já que estes não conseguiram provar eficácia. Desta forma, apresenta-se como um modelo mais intenso e dinâmico na teoria da decapitação com o poder aéreo coercitivo. Demonstrando imensa força e velocidade, que na melhor das hipóteses renderá uma vitória rápida ou causará um desgaste tão grande no adversário, que uma força de menor calibre será o suficiente para capitular o inimigo no solo (Linkous, 2003).

2.3 O SISTEMA DE CINCO ANÉIS E A PARALISIA ESTRATÉGICA DE JOHN WARDEN.

Oficial da Força Aérea Estadunidense, o Coronel John Warden, foi muito relevante na Primeira Guerra do Golfo, em 1991, uma vez que elaborou o planejamento estratégico no estado-maior da USAF. Tendo afirmado que no estilo de guerra atual, dita estratégica, releva a obtenção de algo focal de importante posse do

inimigo, que esse refuga em conceder, muito mais que apenas destruição e morte. (Ramos, 2018)

Logo, o mesmo afirma que “Lutar não é a essência da guerra, nem mesmo uma parte desejável dela. A verdadeira essência é fazer o que for necessário para que o inimigo aceite os nossos objetivos como objetivos dele.”¹⁶ (Warden, 1995, p.55, nossa tradução). Nesse diapasão, o estrategista contemporâneo deve enxergar a força inimiga de forma ampla, de cima para baixo e holisticamente, como um sistema composto por numerosos subsistemas. Segundo Warden (1995), pensar no inimigo desta forma nos possibilita forçá-lo ou induzi-lo a fazer dos nossos objetivos, os seus, tudo com o mínimo de esforço e com maior probabilidade de sucesso.

Outra relação importante está entre as questões físicas e moral que, quando associadas, definem o resultado. Antigamente, considerava-se parte física somente os soldados na batalha, mas, hoje, são também os meios e até mesmo alvos que extrapolam os campos de batalha. Em resumo, para Warden, se o aspecto físico do oponente for reduzido a zero (ou seja: destruído), o moral decairá substancialmente e o resultado pretendido será alcançado. Logo, o esforço principal deve ser direcionado para o aspecto físico. (Warden, 1995)

Por esse raciocínio sistêmico, a teoria indica que existem cinco gradações de alvos físicos que se caracterizam por cinco anéis envoltos nesse mesmo sistema, inter-relacionados de uma forma concêntrica. Cabe ressaltar que, a despeito da realidade ser bem mais complexa, simplificar a análise estratégica é o principal objetivo para obter conclusões iniciais relevantes.

Nesse modelo de cinco anéis, no centro está o cérebro (a liderança), e este é capaz de funcionar por si só. Teoricamente é o mais interessante de ser atingido e, por isso mesmo, onde normalmente há maior dificuldade de atingir.

O círculo seguinte é o dos elementos orgânicos essenciais, cuja falta traz grandes dificuldades para a manutenção do sistema (corresponde às principais fábricas, refinarias, hidrelétricas, entre outros). Podem ser substituídos, mas demandam tempo. Caso a perda nesse nível seja intensa e principalmente de forma paralela, o choque pode ser capital. (Warden, 1995)

¹⁶ Fighting is not the essence of war, nor even a desirable part of it. The real essence is doing what is necessary to make the enemy accept our objectives as his objectives.

O terceiro círculo está associado às infraestruturas. São importantes, mas normalmente no sistema ou Estado são redundantes e devem ser bem analisados antes de se tornarem possíveis alvos.

No quarto círculo encontra-se a população, que pela sua extensão e dispersão, acaba não sendo um alvo evidentemente interessante (inclusive é aconselhável evitá-lo), para talvez angariar seu apoio, por exemplo, quando o Estado inimigo é autoritário.

Na parte mais externa do círculo, estão as forças militares, que são alvos de ainda menor importância no contexto estratégico, uma vez que são predispostas ao engajamento, o que fica explícito quando Warden cita:

[...]é todo o sistema que é o nosso alvo, e não as suas forças militares. Se abordarmos o sistema adequadamente, as suas forças militares serão deixadas como um apêndice inútil, já não apoiadas pela sua liderança, pelos elementos orgânicos essenciais, pelas infraestruturas ou pela população. Isto não quer dizer que não tenhamos de pensar em como derrotar diretamente uma força militar inimiga. De fato, haverá momentos em que a sua derrota será a única forma de chegar aos centros estratégicos [...]¹⁷ (Warden, 1995, p. 47, nossa tradução).

Já em continuidade com seu raciocínio, Warden caracteriza que é possível priorizar uma forma não-letal de incapacitar o inimigo, principalmente no campo físico, mas também no campo mental, ocasionando uma desorientação e colapso moral, culminando em uma paralisia estratégica. (Ramos, 2018)

Segundo Ramos (2018), a busca da paralisia estratégica objetiva principalmente influenciar efetivamente as decisões do nível político, com o mínimo de esforço militar possível. E o quanto mais rápida for a decisão tomada, e com menor custo, mais bem sucedida será a campanha. Por isso a importância de identificar e atingir o Centro de Gravidade (CG) do inimigo mais eficientemente possível.

E para atingir essa paralisia estratégica um conceito muito importante é o ataque paralelo, que prevê várias investidas simultâneas nos pontos vitais do inimigo, isso tanto nos níveis tático, operacional e estratégico. Esses ataques devem ser intensos e velozes para que o efeito desejado seja alcançado o mais rápido possível. Cabe salientar que a tecnologia possibilitou isso, diferenciando o que seria o ataque em série, tão comum nas campanhas anteriormente, onde era preciso um ataque

¹⁷ [...] It is, [...], the *whole system* that is our target, not its military forces. If we address the system properly, its military force will be left as a useless appendage, no longer supported by its leadership, organic essentials, infrastructure, or population. This is not to say that we do not have to think about how to defeat the enemy military force directly. Indeed, there will be times when its defeat is the only way to get to the strategic center [...]

concentrado sobre um ponto vulnerável e depois reagrupar para um novo ataque, típico das antigas batalhas de campo. (Warden, 1995)

3 DAS JUSTIFICATIVAS ÀS AÇÕES

No presente capítulo iremos realizar uma breve síntese histórica para entender os principais motivos que levaram a contenda a ser analisada. Já na segunda parte vamos abordar alguns relatos do conflito estudado. Note que, em todos os registros, a arma aérea teve participação relevante. Uma vez que não é interessante esmiuçarmos o mesmo completamente, visto que, apesar de não ter durado muito tempo, é cheio de nuances que pouco agregarão para o estudo proposto. Iremos dessa forma pontuar alguns eventos que serão suficientes para determinarmos se o “Choque e Pavor” foi de fato aplicado na Operação *Iraqi Freedom*.

3.1 UM INIMIGO SEM EXÉRCITO

O dia 11 de setembro de 2001, data em que ocorreu o ataque às torres gêmeas nos EUA pelos terroristas da Al-Qaeda, é o marco inicial de nossa análise histórica. Na ocasião, cerca de três mil vidas americanas foram perdidas após o choque de duas aeronaves comerciais com as respectivas torres, enquanto outro avião atingiu o Pentágono e, um quarto, caiu após os passageiros terem dominado seus sequestradores e heroicamente impedido que se chocasse contra outro alvo (Keegan, 2005).

Não em vão, o então presidente americano George W. Bush relatava em seu diário “O Pearl Harbor do século 20 aconteceu hoje”. Porém, cabe a análise de que este ataque é ainda mais devastador, uma vez que atingia o centro do poder americano, e o inimigo em questão não apresentava um Exército, vivia na obscuridade (Woodward, 2004).

Em decorrência do referido ataque, a mentalidade da massa do povo daquele país sofreu uma grande mudança e uma transformação significativa em suas percepções. Antes, a população mostrava-se bastante indiferente em relação à realidade das outras nações, muitas vezes alheia às questões políticas e sociais que envolviam o cenário internacional. No entanto, após o evento traumático, essa indiferença foi substituída por uma sensação de vulnerabilidade e desconfiança. O povo começou a ver, em todos os outros países, possíveis inimigos, projetando suas inseguranças e temores em relação ao exterior. Essa nova visão não apenas alterou

a dinâmica da política interna, mas também impactou as relações diplomáticas, gerando um clima de tensão entre o país e o restante do mundo (Keegan, 2005).

Além disso, a partir daquele momento a própria mentalidade da classe política, começando por Bush, havia mudado e a segurança física do povo norte-americano passava a ser prioridade. Essa mudança de foco não se limitou apenas às questões de defesa, mas também se estendeu à implementação de novas políticas de segurança interna e ao fortalecimento das agências responsáveis pela proteção do país (Woodward, 2004).

E seus líderes atenderam a essa demanda mudando a política externa vigente há cinquenta anos, de liderança junto a uma aliança de países do ocidente com pensamento semelhante, para a defesa do país em primeiro lugar, botando em cheque a “amizade” das outras nações (Keegan, 2005).

O que se entendia como poder hegemônico até aquele momento, e como nova ordem mundial após a queda do muro de Berlim (onde os EUA eram o grande líder), ficou ameaçado. O poder central americano sobre o mundo estava em xeque, e seus novos antagonistas não eram influenciados por suas principais e tradicionais formas de dissuasão: o poder nuclear e gigantesca força convencional. Além disso, existia um vácuo de conhecimento, em virtude da ausência de interesse anterior sobre a causa islâmica, o que demandava urgência em conhecer (Keegan, 2005).

A comunidade muçulmana dos Estados Unidos era muito pequena, e os membros do governo, bem como o corpo acadêmico, não dispunham de esclarecimento suficiente, beirando a incompetência. Somente alguns poucos especialistas conheciam a língua árabe. Da mesma forma, tirando raros casos de executivos do petróleo, não havia americanos vivendo em países do mundo muçulmano. Nesse sentido, os ingleses e franceses estavam muito mais familiarizados, já que estiveram como dominadores de países árabes e outras nações muçulmanas até relativamente pouco tempo, muito embora esse comportamento extremista do Islã não se caracterize como uma tradição muito distante (mesmo para os países mais acostumados com tal cultura), sendo, pois, um comportamento moderno (Keegan, 2005).

Percebe-se então, que em um primeiro momento o governo americano esteve com dificuldades em determinar o que seria o inimigo a combater, o que é péssimo para a popularidade da política e, em pouco tempo, a população clamava por um “responsável” a quem punir.

Cabe lembrar que a cultura muçulmana já esteve triunfante, principalmente durante os séculos 7º e 8º. Com a conquista de Constantinopla em 1453, quando os mesmos já dominavam vasta área da atual Europa, Norte da África e os Bálcãs, pode-se dizer que eles eram a cultura dominante do início daquele século. O Califado Universal era sua forma de governo, garantindo a liberdade de crença a todos que aceitassem a supremacia do califa. Eram muito aderentes aos estudos, chegando a ditar o conhecimento da época, inclusive resgatando o pensamento ocidental clássico obscurecido. Até que os líderes religiosos do Islã ortodoxo sunita do século 14 decidiram que as novas descobertas não-teológicas, que estavam surgindo à época, deveriam ter um fim. Desde então a cultura islâmica foi perdendo sua veia esclarecida. A Lei da *Sharia*¹⁸ passou a ditar o comportamento dos muçulmanos e, com a extinção do Califado Universal em 1925, o Islã ortodoxo não fazia mais distinção entre as autoridades religiosas e temporal (Keegan, 2005).

Diferente disso, o mundo ocidental trilhou caminho resoluto e a partir do Renascimento Itália, França, Alemanha, Holanda e Inglaterra buscavam a plena liberdade intelectual, que culminaria na importante Revolução Científica e no Iluminismo. Enquanto o Islã decaiu em sua visão intelectual e suas instituições foram ficando cada vez mais inadequadas até colapsarem após a Primeira Guerra Mundial, onde a França e Inglaterra assumiram o controle de tudo que os Otomanos haviam perdido.

A busca de todas essas colônias por independência no decorrer do século 20 criou o caldeirão perfeito de animosidade para o surgimento de visões ainda mais extremistas dos ensinamentos do Profeta Maomé. Nessa feita, durante o período da presidência de Nasser no Egito, décadas de 50 e 60, seu conterrâneo Sayyid Qutb, apresentou uma interpretação extremista da teologia muçulmana, argumentando de forma convincente, principalmente para a juventude frustrada, que a despeito do Profeta ter pregado a tolerância para os ímpios, o religioso também reforçava a importância primordial de seus ensinamentos e submissão, coerentes com a vontade de Deus, de forma que os muçulmanos estavam dispensados de praticar tal tolerância com aqueles que rejeitassem a palavra do Profeta, enquanto a devida submissão não estivesse estabelecida em larga escala (Keegan, 2005).

¹⁸ O caminho para a fonte – conjunto de normas derivado de orientações do Corão, falas e condutas do profeta Maomé e jurisprudência das fatwas, que são pronunciamentos legais de estudiosos do Islã.

Não tardou a iniciar a *jihad* (*guerra santa*) contra as forças invasoras do ocidente, vistos como ímpios e, dessa maneira, se tornou uma obrigação. Abdul Ala Mawdudi, de nacionalidade paquistanesa, antes de Qutb já pregava a *jihad* universal para combater a *jahiliyyah* (ignorância) do ocidente, argumentando que essa era a doutrina central do Islã, mais importante que os deveres de oração e da esmola. Surgem então, as escolas religiosas, onde o conceito de Mawdudi, adaptado por Qutb, era ensinado aos talibãs (“estudantes”), levando-os a treinar para a guerra. Grupo este que coordenou o assassinato de líderes secularistas muçulmanos como o Presidente Sadat do Egito, e motivaram a doutrina também de outro grupo, a Al-Qaeda, que foi responsável pelo atentado de 11 de setembro (Keegan, 2005).

A nova ordem mundial salafista¹⁹, desconhecida para o mundo ocidental até aquele momento, exigia uma resposta. Especialistas em política externa apontaram que, após a Primeira Guerra do Golfo, a decisão de deixar Saddam Hussein no poder representava um grande risco para a segurança e estabilidade da região, bem como para os interesses ocidentais. Essa escolha gerou um debate acalorado entre os analistas, que se perguntavam se a contenção seria suficiente ou se uma ação mais decisiva seria necessária para lidar com a crescente influência do extremismo. (Keegan, 2005).

Nesse momento cresce nos EUA o pensamento neoconservador de que a democracia, por si só, teria a capacidade de mudar uma sociedade, por isso era justificável “implantá-la” em contraponto a regimes autocráticos, monárquicos e absolutistas. Bastava apenas remover o tirano e logo os cidadãos do país se organizariam, pensamento esse que ganhou extrema força junto a classe política também (Magnoli, 2006).

O que de fato parecia muito racional, e se funcionasse poderia gerar uma transformação em toda região, pois desencadearia um efeito dominó, onde a transformação brusca de uma sociedade levará as outras, próximas também, a seguirem essa linha.

Como resposta ao horror de 11 de setembro, o conservador recém-eleito presidente dos EUA, estava convencido de que a “guerra ao terror” deveria ser declarada imediatamente, e seu alvo primordial era a base da Al-Qaeda no Afeganistão, inclusive estabelecendo bases de apoio norte-americanas em ex-

¹⁹ Salafismo - doutrina islâmica abrangente que engloba todos os muçulmanos que rejeitam o conceito de Estado e buscam apenas implantar um reino universal de devotos.

repúblicas soviéticas da Ásia Central. As unidades daqueles terroristas no Afeganistão e seus aliados talibãs foram rapidamente subjugadas, inclusive com seu principal mentor das ações terroristas, Osama Bin Laden, era considerado morto, informação posteriormente desmentida. A campanha no Afeganistão foi altamente exitosa, com a deposição do regime talibã naquele país. Agora era preciso continuar no desmantelamento da Al-Qaeda (Keegan, 2005).

Surge então o Iraque como um alvo relevante. A despeito da Al-Qaeda, segundo relatórios do serviço secreto americano, possuir bases de apoio em cerca de cinquenta países, o principal foco que apresentava risco era nesse país. Alinhado a isso, Saddam Hussein, seu presidente, era há muito visto como um ditador implacável que estava tentando desenvolver a capacidade de produzir armas nucleares e de destruição em massa, remontando ao caso do reator Osirak, destruído por Israel em 1981. (Keegan, 2005).

Chama atenção negativamente o inacreditável despreparo da espionagem tanto Americana quanto inglesa, ao ponto de que ainda próximo ao início dos primeiros movimentos militares, não havia agentes destes serviços em solo iraquiano. Os mesmos dependiam de informações que vinham principalmente de exilados ao regime que viviam no exterior, dos quais infelizmente pode ser confirmado que estavam mais interessados, mas generosas ajudas financeiras conquistadas, e que forneciam informações que se revelaram imprecisas (Magnoli, 2006).

O diretor da Agência Central de Inteligência (CIA), George Tenet, quando em reunião pessoal com Bush afirmara que não havia nenhuma ligação entre a Al-Qaeda e o Iraque, porém Dick Cheney e Donald Rumsfeld, respectivamente vice-presidente e o secretário da Defesa, preferiram iniciar um programa secreto para reavaliar a situação. (Filho, 2018).

Mas a verdade era que uma possível ajuda daquele ditador à Al-Qaeda era pouco provável, apesar de uma frequente demonstração de simpatia por terroristas anti-Ocidente. Osama bin Laden era salafista e, por isso, pregava um mundo muçulmano liberto de instituição política. Já Saddam era um árabe secularista, ou seja, não bem aceito pelos fundamentalistas islâmicos. No Iraque, sob o regime ditatorial, Osama teria provavelmente tido o destino de muitos contrários aquele governo. Porém, para o Governo norte-americano pouco importava isso, uma vez que ambos eram extremistas e antiamericanos. (Keegan, 2005).

Ressaltando a questão das armas de destruição em massa, ao longo de 2002, imputando a ameaça de uso da força, Bush apoiou a existência de inspeções ilimitadas no Iraque. Como resposta, o Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU) aprovou a resolução 1.441 de novembro daquele ano, sendo essa a oportunidade final dada ao Iraque de cumprir suas obrigações de desarmamento. Nenhuma arma foi encontrada, mas os EUA continuavam céticos. (Filho, 2018)

Saddam então tentando ganhar tempo, na esperança mal calculada de que a imposição de força por um ator externo poderia ser dissuadida pelas Nações Unidas, e de que Bush e Tony Blair perderiam no campo político, tentou blefar entregando vários documentos que teoricamente provavam não haver armas de destruição em massa em sua posse, mas que rapidamente se provaram de pouca relevância. Aquele ditador não contava com o tamanho do trauma causado pelos ataques terroristas na visão de mundo daqueles líderes (Magnoli, 2006).

Dando clareza as intenções americanas, o presidente Bush discursou por duas vezes, denunciando o regime de Saddam, alegando que este era parte de um “eixo do mal”, e então ameaçou tomar medidas de preempção. Daí para diante a premente invasão se confirmou com as movimentações, a partir de janeiro de 2003, de tropas americanas e inglesas para a região do Golfo, onde o Kuwait disponibilizou bases e direito de passagem, diferente de todos os outros países ao redor do Iraque. (Keegan, 2005).

3.2 NO TRANSCURSO DA CONTENDA

A campanha estava prevista para iniciar na noite do dia 20 de março, trazendo uma inovação estratégica para os padrões até então, uma vez que iniciaria com um ataque terrestre seguido da campanha aérea apenas na noite do dia seguinte. O objetivo era surpreender os iraquianos que estariam nas refinarias dos campos de Rumaylah, próximo à divisa com o Kuwait, para impedir que eles novamente incendiassem esse tipo de campo petrolífero, como fizeram em 1991 (Gordon, 2010).

Porém, na noite de 19 de março, Tenet contactou a Casa Branca alegando que tinha evidências firmes de que Saddam e sua família estavam em Dora Farms, um complexo no subúrbio perto de Bagdá, ao sul. Ainda podia dizer que o ditador

iraquiano e seus dois filhos estavam escondidos em um abrigo subterrâneo de concreto, e a CIA conseguiu fornecer coordenadas exatas. (Poor [...], 2004)

Muito embora a Marinha americana possuísse capacidade de arrasar esse complexo com mísseis de cruzeiro, para atingir a tal casamata, somente um bombardeio preciso. Para tal existia um esquadrão de F-117 *Stealth* baseado no Qatar, pronto para ser acionado, e com a alcunha de TST²⁰, capaz de realizar ataques inopinados em pequenas horas. (Gordon, 2010).

O comandante da guerra aérea, tenente-general Michael Moseley, rapidamente planejou um ataque para que caças furtivos lançassem bombas guiadas por satélite, seguidas de mísseis de cruzeiro disparados por navios (Poor [...], 2004).

A operação em questão era repleta de dificuldades. Precisava ser realizada com as aeronaves indo e voltando ainda à noite, uma vez que os mesmos eram pintados de preto, muito fácil de serem avistados durante o dia. Além disso, em Bagdá havia uma forte proteção antiaérea com mísseis e artilharia, logo os bombardeiros seriam escoltados e haveria aviões em outros lugares para realizar distração. A munição a ser utilizada era de última geração, a EGBU-27, autodirigida para o alvo, com direcionamento a *laser* atualizado por satélite, diferente das utilizadas na primeira guerra do golfo, que também era muito precisa, mas era dirigida apenas a *laser*, o que as impedia de operar em clima nublado (Gordon, 2010).

Curiosamente, ainda naquela noite decidiu-se que dois aviões seriam utilizados e que cada um deveria lançar duas bombas ao mesmo tempo para aumentar a possibilidade de acerto, porém isso nunca havia sido testado e poderia causar a explosão das mesmas caso elas se tocassem no lançamento, por isso foi realizado o teste real por equipes de avaliação nos Estados Unidos, que aprovaram a tática em poucas horas (Gordon, 2010).

Às 3h38min, hora do Qatar, os aviões já estavam no ar, o ataque ocorreu ao amanhecer, com uma salva de 39 *Tomahawks*. As aeronaves foram atingidas pela defesa antiaérea iraquiana, mas conseguiram retornar para o Kuwait. Os pilotos foram saudados por centenas de outros pilotos e mecânicos, celebravam como se a guerra estivesse ganha. Em pronunciamento oficial, quarenta e cinco minutos depois do ataque, Bush informou: “Cumprindo ordem minha, as forças da coalizão começaram

²⁰ TST: *time sensitive target* (alvo urgente, nossa tradução)

a atacar alvos de importância militar a fim de enfraquecer a capacidade de combate de Saddam” (Gordon, 2010).

Sete horas depois, Saddam apareceu na televisão bem vivo, o ataque não havia sido eficaz. Apesar de não convencer os americanos num primeiro momento, que acreditavam ser uma gravação antiga ou mesmo um sócia. Peritos alemães como Dieter Buhmann, diretor do Instituto de Medicina Legal de Homburg, afirmavam com até 98% de certeza que era o ditador. Entre outros, um ativista libanês informava à agência Reuters: "Esse é o sotaque dele, essas são suas palavras, esse é o seu discurso e o seu estilo.", acreditando ter 100% de certeza de que se tratava de Saddam (Perito [...], 2003).

O contra-ataque veio rápido e o regime iraquiano, ao contrário do que se estava supondo, não se abalou com a poderosa iniciativa. Foram lançados 3 mísseis em diferentes pontos de concentração das tropas americanas, dos quais dois foram interceptados e um atingiu as portas de *Camp Command*, Quartel-General da Força Expedicionária de Fuzileiros Navais no Kuwait, sem vítimas. Durante o conflito houveram outros ataques norte-americanos a alvos sensíveis, porém nenhuma das 200 principais figuras identificadas como relevantes ao regime, e por isso classificados como alvos, foram atingidos por ataques aéreos, uma vez que a efetividade de tais ataques, mesmo com as armas de precisão em conjunto com alta tecnologia em reconhecimento e comunicação, ainda dependia de uma inteligência confiável. (Gordon, 2010).

Logo fica evidente que a inteligência é muito importante, e no caso deste conflito, a incapacidade apresentada anteriormente de introduzir e manter agentes no território do Iraque, com tempo prévio adequado, já demonstrava sua falha nesse primeiro evento, interferindo sobremaneira na implementação de “Choque e Pavor”.

Em outro momento, já no transcorrer do conflito, e após a importante e vitoriosa tomada dos postos de petróleo dos campos de Rumaylah, os maiores do país e próximos à fronteira, houve então a tentativa de dominação de um compacto ponto culminante ao sul do Iraque, a elevação Jabal Sanam, que proporcionava um excelente lugar de observação sobre a fronteira do Iraque com o Kuwait, por ser dominante sobre o deserto circunvizinho. O Plano era bombardear a colina com aviões F/A-18 Hornets, com vários tipos deste artefato, principalmente incendiárias por napalm, em seguida Helicópteros de combate Cobra também bombardeariam e homens seriam transportados por CH-46, para varrer a região e dominar aquele ponto

de vigilância. Em função de outros eventos táticos o ataque planejado precisou ser adiantado, os helicópteros estavam com as equipes rumando no período da noite, para realizar o desembarque às 06h40min. Porém, devido a problemas técnicos de comunicação no esquadrão dos F/A-18, o mesmo só conseguiu realizar os primeiros bombardeios às 06h44min, nesta feita, pelo avançar da hora e dos ocorridos, o napalm foi cancelado, manteve-se o bombardeio mais simples. (Gordon, 2010)

Helicópteros Cobras avançaram e atacaram opositores que tentavam fugir. Infelizmente, quando foi tentado o desembarque helitransportado pelos CH-46 para as equipes de reconhecimento e limpeza de área atuarem, não foi possível, devido à poeira levantada pelas explosões e pelas pás das aeronaves. Não era possível aproximação nem para os homens descerem por cordas, e após várias tentativas a missão foi abortada, ficando a elevação abandonada, como uma terra de ninguém crivada de crateras (Gordon, 2010).

O fato narrado anteriormente, em primeira análise, exalta uma demonstração de falta de coordenação tática e desconhecimento do terreno, além de perda de material, por motivo vão e até, aparentemente, mal planejado.

Dando continuidade aos acontecimentos, no vale central do país ocorreram as tomadas de duas cidades: Nasiriyah e Samawah, que demonstraram características bastante semelhantes de combate renhido, onde uma das premissas estabelecidas pela inteligência americana não se confirmou, a de que os iraquianos iriam se entregar pacificamente. Inclusive haviam sido estabelecidas Regras de Engajamento bastante limitadoras e que causaram elevada confusão nos primeiros momentos dessas tomadas (Gordon, 2010).

Como exemplo confirmador, durante o fim do planejamento, oficiais de inteligência acreditavam que avançando pelo sul os soldados seriam recebidos calorosamente, então cogitaram entregar antecipadamente centenas de pequenas bandeiras americanas para que aquela população acenasse agradecida aos libertadores. A imagem seria capturada e retransmitida para todo mundo árabe, sendo a operação de informação derradeira (Poor [...], 2004).

Todos nós sabemos que a regra de engajamento orienta a forma como cada militar deve atuar no campo de batalha. Aqueles que não a seguirem podem ser severamente punidos. Como aquelas regras de engajamento, que tinham sua origem na vontade política de infringir impacto ínfimo a população, eram extremamente restritivas. Uma vez que se acreditava a população estar a favor do invasor, que se

julgava libertador, essas regras inicialmente foram altamente prejudiciais à tomada de decisão, até individual dos soldados no calor da batalha, porque travaram sua reação inicial a um adversário disposto a combater.

E tudo isso se explica porque, apesar do antagonismo entre as nações desde a Primeira Guerra do Golfo, o estado-maior desta coalizão estava operando como informações limitadas desde quando começou a considerar a invasão aquele país, uma vez que a coleta sobre o Iraque nem sempre foi prioridade das agências de espionagem americanas, que passavam por sobrecarga de uma infinidade de outras ameaças potenciais. Logo, o Iraque era considerado um Estado Nível 2, perdendo para Coreia do Norte, por exemplo, uma vez que a agência considerava que lá havia um programa ativo de armas nucleares e um grande exército convencional ameaçando a Coreia do Sul e o contingente americano lá presente (Poor [...], 2004).

Para tentar sanar as faltas, nos meses que antecederam a invasão, como o Iraque, no jargão da inteligência, era um "ambiente de bola de vidro" (o que significa que o clima era muitas vezes propício para coletar imagens de cima), foram utilizados drones *Predator*, aviões espões U-2 e outros sistemas de vigilância. O que possibilitou ao comando da força terrestre imprimir 100 mil mapas, incluindo importantes campos petrolíferos e para análises detalhadas do centro de Bagdá, bloco a bloco (Poor [...], 2004).

Dos principais objetivos táticos podemos destacar as pontes que atravessam os rios Eufrates e Tigre, uma vez que sua manutenção seria crucial para garantir a capacidade logística adequada para as tropas que logo estariam se preparando para a invasão de Bagdá. Nessa feita, outro momento relevante a ser explicitado foi a tomada da ponte da Rodovia 1, ao sul da cidade de Nasiriyah, onde segundo informes, grupos de iraquianos cooptados pela inteligência americana já teriam dominado a região e a passagem seria facilitada. (Gordon, 2010).

Além disso, em relação à 11ª Divisão de Infantaria do Iraque, responsável por proteger as pontes, uma fonte da CIA havia relatado que esta provavelmente se renderia. Sendo assim, os comandantes maiores da Marinha Americana, convencidos de que Nasiriya seria uma luta fácil, não disponibilizaram nenhum drone de reconhecimento à Força-Tarefa Tarawa, unidade de fuzileiros navais designada para proteger as pontes em questão (Poor [...], 2004).

Porém, o elemento da CIA que acompanhava o batalhão que seguia na operação não conseguia garantir o previsto, uma vez que seu contato com os

elementos de forças especiais, que deveriam estar infiltrados na localidade, não estava funcionando. Tal incerteza, apesar de causar desconforto, não impediu o Tenente Coronel Sanderson, Comandante do Batalhão ali designado, de avançar em direção ao objetivo. Sendo que, antes mesmo deste ser alcançado, o batalhão foi alvejado por tiros de artilharia iraquiana, contenda essa que foi rapidamente repelida, inclusive tendo sido o primeiro significativo embate de artilharia do conflito. Sanderson decidiu convocar os helicópteros Apaches que sobrevoavam seu batalhão para realizar o apoio aéreo aproximado. Os pilotos também tentaram contato com elementos de forças especiais que deveriam estar infiltrados na localidade da ponte a fim de obter mais informações, já que a promessa de informações em tempo real da situação não se materializou. Logo avançaram e destruíram veículos de combate ao norte da ponte e atacaram um grupo de iraquianos que pareciam estar montando uma emboscada ao sul da mesma. Os iraquianos responderam com mísseis superfície-ar disparados de ombro AS-7, que foram ineficientes. A tropa chegou logo depois e limpou a área (Gordon, 2010).

Mais tarde verificou-se que a equipe de Forças Especiais não estava sincronizada com a brigada em questão, uma vez que, ocupou posição próximo à ponte antes do horário estipulado, não conseguindo manter a posição tão estratégica, e isso por uma confusão no planejamento: as forças em deslocamento estavam em hora Zulu, enquanto as especiais estavam em horário local. O principal transtorno era que as esperadas informações em tempo real prometidas não ocorreram, e nesse exemplo variaram entre não haver indícios sobre atividade do inimigo, com a possível iminência de destruição da ponte pelos iraquianos que lá poderiam estar. (Gordon, 2010).

O que podemos constatar que o sincronismo e conhecimento completo no campo de batalha, cruciais para a efetividade do “Choque e Pavor”, pode ser profundamente questionado.

Relatos dão conta de que os Fuzileiros já previam a possibilidade de emboscada em Nasiriyah, com a efetivação dos embates, eles chegaram a acreditar que a população era pró-Saddam, porém não era esse o caso. O fato era que com a rebelião demonstrada em 1991, a população havia sido severamente punida, logo entenderam que deveriam ser prudentes. A cidade fora determinada pelo partido Baath, líder político do país, como principal foco de resistência e a maior força ali seria empregada por milícias compostas por guerrilheiros denominados *fedayins*, que eram

oriundos de vários outros lugares, até outros países, cada um lutando em sua *jihad* particular, apossando-se de hospitais, escolas, mesquitas, ambulâncias e todo tipo de elemento que os trouxesse proteção, numa batalha impensada pela coalizão. (Keegan, 2005)

Foi uma tremenda confusão, uma vez que vários contingentes de forças norte-americanas convergiam para Nasiriyah, onde pretendiam realizar uma passagem rápida. Porém, frente uma batalha renhida na qual enfrentaram contra um adversário pouco ortodoxo e desorganizado, muitas divergências operacionais ocorreram, mas uma chamou a atenção muito negativamente (Gordon, 2010).

Eram três companhias procedendo muito próximas uma da outra, porém realizando combate urbano e noturno, eram identificadas como Alfa, Bravo e Charlie. O mais antigo era o comandante da companhia Charlie, que estava na retaguarda, rumando de sul para norte, e havia expedido ordens para que não fosse solicitado apoio aéreo por nenhuma delas sem sua autorização. O mesmo sabia que a companhia Alfa estava a vante da Bravo, diferente do planejado, mas acreditou que o comandante da Bravo também tinha percebido, uma vez que estavam muito próximos, apenas algumas jardas. Soma-se a isso havia um intenso congestionamento nas linhas de comunicação, que impedia o tráfego claro e adequado de informações (Gordon, 2010).

O problema maior foi quando a Companhia Bravo solicitou o tal apoio aéreo aproximado diretamente e os A-10 foram acionados. No sobrevoo os pilotos relataram que fora observado tanques a frente da companhia Bravo. O comandante desta, acreditando que o plano estava sendo seguido e que ele estivesse na vanguarda, autorizou o fogo. As viaturas da companhia Alfa, que normalmente deslocavam-se com painéis fluorescente para identificação aérea, agora estavam com um novo equipamento mais moderno e com tecnologia termal, melhores para utilização a noite. Mas infelizmente os A-10 não possuía o novo sensor, adequado para a indispensável identificação fraterna (Gordon, 2010).

Logo a companhia Alfa se viu sobre ataque cerrado daqueles aviões pelos poderosos canhões de 30mm, além de oito bombas e três mísseis *Mavericks*, sem contar que em terra o fogo contra dos iraquianos permanecia intenso. O fratricídio só foi encerrado quando a companhia Charlie conseguiu pedir que cessasse. Não há certeza de quantos fuzileiros foram perdidos apenas pelo fogo amigo, mas nessa campanha houve um total de 18 mortos e 17 feridos (Gordon, 2010).

Um relatório preparado pela Força Aérea em conjunto com o Corpo de Fuzileiros Navais de 900 páginas, destacava detalhadamente como no quarto dia da campanha o tipo de comunicação e problemas de comando e controle característico das operações de combate havia favorecido o ocorrido. (Cahlink, 2004)

Nasiriyah e Samawah deixaram claro que o adversário não ia se abater facilmente, e iria lutar no campo assimétrico, de forma evasiva, sem usar uniforme, ignorando as regras do combate convencional, se aproveitando de dissimulação e de emboscadas. Nada seria nos termos do que os americanos desejavam impor, principalmente com as demonstrações de ineficiência da inteligência, planos mal coordenados, indecisões e erros que custaram caro. Muito embora, cabe ressaltar, que houve também vários casos de heroísmo.

Muito coerente com a doutrina de “Choque e Pavor”, Donald Rumsfeld, secretário de defesa americano, era um dos defensores do uso da força terrestre relativamente pequena, equivalente a duas ou três divisões²¹, avançando rumo a Bagdá, indo de encontro a cerca de uma dúzia de divisões iraquianas. E para equilibrar a contenda, o uso de poder aéreo para abrir o caminho era indispensável. Mas numa primeira tentativa de usar o helicóptero Apache AH-64 falhou (Derrota [...], 2003).

Importante lembrar que não havia desta vez ocorrido um ataque aéreo definitivo, como ocorrera na Operação Tempestade do Deserto de 1991, logo era interessante a realização de um ataque deste tipo até pela possível surpresa, porém esse seria ainda bastante pontual, já que os Apaches eram dotados do novíssimo sistema de mísseis *Longbow*, que proporcionava a capacidade de “dispare e esqueça”, uma vez que eram guiados por assinatura térmica, sendo perfeitos para ataques noturnos a longa distância contra blindados. (Gordon, 2010).

Planejou-se então um ataque considerado crucial, mas que demandou um imenso esforço logístico, uma vez que as aeronaves precisariam reabastecer num ponto, denominado Objetivo Rams, cerca de 60 milhas ao sul do objetivo de ataque, e para tal foi realizado um comboio de 28 caminhões com munição e combustível pelo deserto, oriundos do Kuwait até o ponto definido, quase sem proteção, em apenas dois dias, numa missão heroica. (Gordon, 2010).

²¹ Divisão - Unidade militar composta de 15 a 20 mil militares.

Muitos problemas logísticos tiveram que ser superados, entre eles o ponto escolhido para o abastecimento, que parecia perfeito, visto por imagem satélite como um grande campo, o que seria bom, pois não levantaria muita poeira com os rotores, mas, na verdade, era um grande atoleiro, prejudicando muito a movimentação das viaturas. Durante o longo caminho pelo sul do país, houve perda de combustível, principalmente pelas necessidades de abastecer outras unidades, ainda que pouco, o resultado foi que boa parte das aeronaves foram abastecidas, mas não todas e ainda para tal demorou-se excessivamente.

Porém, como havia uma demasiada pressa, e até ansiedade em realizar o ataque, as aeronaves que estavam prontas partiram, mesmo sem saber ao certo o que as esperavam. A informação passada pela inteligência era de que os iraquianos não estavam acostumados a se preparar, havia mais de dez anos. Além disso, estariam preocupados em não manter seus radares ativos, temendo ser detectados e também não seria adversários para os Apaches dotados de *Longbow*. Mas a verdade é que logo depois da Guerra do Golfo de 1991, seus estrategistas passaram a estudar novas formas de se contrapor aos ataques dos helicópteros americanos, aprimorando profundamente suas técnicas e criando uma estrutura organizacional voltada para isso. Logo sabiam que os pilotos estariam sempre preocupados em não atingir fios dos postes elétricos, criaram uma rede de acompanhamento antecipado de comunicação por celular, e utilizariam canhões S-60 com granada graduada para explodir a 550 pés, forçando os americanos a voar baixo, onde iriam enfrentar uma chuva de mísseis de ombro SA-7 e AS-14, misturados com imensa quantidade de atiradores com fuzil AK-47 (Gordon, 2010).

De forma geral, apesar dos Apaches estarem se aproximando em várias frentes, quando chegavam nos pontos de emboscada, as luzes da cidade eram apagadas, e momentos depois acesas, o que era justamente o sinal para a chuva de engajamento. Inclusive os iraquianos haviam treinado a técnica de dotar alguns deles com óculos de visão noturna e munição traçante, para que seus conterrâneos que não conseguiam visualizar as aeronaves, por estar escuro, pudessem ter uma direção onde atirar (Gordon, 2010).

Logo, os caríssimos e "*high-tech*" helicópteros Apache Longbow AH-64 foram repelidos por uma força iraquiana usando armas leves, que abateu pelo menos uma das aeronaves e causou danos em graus variados em outras 30. O Apache, apesar

do ocorrido, ainda é um dos helicópteros mais resistentes que existe. Um deles teve um dos motores destruído, mas conseguiu voltar à base (Derrota [...], 2003).

Em 1991, voando sobre o deserto, os AH-64 puderam usar a habilidade de seus mísseis antitanque *Hellfire* de atacar alvos distantes mais de 5 km, fora do alcance de canhões antiaéreo de menor calibre, como os russos de calibre 23 mm muito empregados pelo Iraque. Com sucesso, atirando fora do alcance iraquiano. Mas desta vez foram pegos de surpresa, em curto alcance, por um "ninho de vespas" de tropas usando fuzis e lançadores de granada (Derrota [...], 2003).

Foi um massacre, os Apaches tentaram desesperadamente buscar soluções, mas no fim de tudo, o ataque foi cancelado e as aeronaves foram forçadas a retornar, exceto a que fora abatida com seus tripulantes feitos prisioneiros. O Exército, em análise posterior, considerou como uma convergência de erros a causa do desastroso ataque, entre elas: subestimação do inimigo, problemas logísticos, rotas de ataque pouco criativas, falta de apoio aéreo aproximado e principalmente a excessiva pressa para realização do ataque sem preparação adequada. (Gordon, 2010).

Releva também salientar que este seria um bom exemplo de ataque utilizando grande rapidez. A velocidade dos Apaches e seus mísseis, teria trazido ao inimigo grande confusão, uma vez que provavelmente seria muito difícil identificar de onde estavam sendo direcionados aqueles ataques. Teria sido um grande golpe a Guarda Republicana, entendida como CG daquele regime. Mas nada disso ocorreu. Tendo sido mais um exemplo de não aplicação de "Choque e Pavor".

A batalha continuou intensa e os objetivos foram sendo conquistados pouco a pouco. Foram ultrapassadas as localidades de Najaf e Hillah, agora a passagem para Bagdá estava livre. Na região já dominada anteriormente pelos curdos, ao norte do país, a pífia representação do partido Baath fora suplantada pelos guerrilheiros *peshmerga*, oriundos daquele povo, e também pelo reforço de tropas de paraquedistas e de forças especiais. Salvo a região metropolitana de Bagdá, o restante do império de Saddam estava dominado pela coalizão. (Keegan, 2005).

Finalmente, como citado anteriormente, não é intenção deste relato pormenorizar a tomada de Bagdá e o desmantelamento do governo de Saddam Hussein. A investida sobre a cidade foi primorosa, num conhecido movimento de pinça. Tiveram alguns pontos prioritários como o Aeroporto Internacional daquela cidade e algumas características marcantes, como a resistência quase suicida dos

fedayins. Da parte dos invasores, foram 122 soldados americanos e 33 britânicos que perderam suas vidas (Keegan, 2005).

Já pelo lado dos invadidos nunca houve uma vontade séria de contabilizar os mortos, estes estimados segundo levantamento realizado nos hospitais de Bagdá, entre 1.500 e 2.500 mortos civis, foi um valor que seria acachapante se fosse levado em consideração pela Comunidade Internacional (Filho, 2018).

O marco simbólico da queda do regime foi a derrubada da estátua de Saddam Hussein em 9 de abril, no centro de Bagdá (Woodward, 2004)

4 O “CHOQUE E PAVOR” NO CAMPO DE BATALHA

No presente capítulo, vamos explorar mais a fundo os fatos que nos permitirão concluir se o conceito de 'Choque e Pavor' foi aplicado durante a operação em questão. Ao analisar detalhadamente os cinco casos apresentados na segunda seção do capítulo 3, consideraremos também as teorias discutidas no capítulo 2.

Cabe ressaltar que, independentemente de ao final deste trabalho concluirmos se o “Choque e Pavor” foi estabelecido ou não, a campanha militar, de forma geral, foi um tremendo sucesso. Quando colocamos na balança a imensa dificuldade que seria atravessar o território iraquiano, num movimento de sul para norte, uma vez que o único país que autorizou a ultrapassagem foi o Kuwait. Tendo sido preciso transcorrer longa distância por um terreno que, quando não desértico, era alagadiço, virtude a importante bacia dos rios Tigre e Eufrates. E ainda tudo tendo sido feito num período tão curto de 21 dias, trazendo também grande cansaço para a tropa. Ainda levando em consideração as poucas baixas, principalmente com os já citados combates renhidos que não eram esperados.

Releva informar que nos momentos iniciais do planejamento da campanha, estava previsto sim um bombardeio massivo, tal qual ocorrera na campanha de 1991, porém o General Franks, comandante geral, tinha fortes motivos para não repetir o “*modus operandi*” vitorioso anteriormente, dentre eles o principal é que as forças iraquianas, naquele momento, encontravam-se concentradas no Kuwait, diferente de agora, que estavam espalhadas por todo o território do país, desta forma uma campanha de bombardeamento massivo demoraria muito mais, o que poderia ser muito ruim, uma vez que possibilitaria a Saddam, em virtude do tempo aumentado, buscar comover a comunidade internacional, no mínimo, para coibir com mais veemência as intenções americanas. Sem contar que uma área maior de ataques possibilitaria danos colaterais muito maiores, o que ia de encontro com uma das principais premissas políticas, que era trazer o mínimo de prejuízos para a população iraquiana e para a infraestrutura daquela nação (Keegan, 2005).

Retornando então para os casos apresentados: no primeiro, sendo o bombardeio estratégico a Dora Farm, a tentativa de capitulação da liderança máxima, muito aderente também a teoria dos cinco anéis de Warden, que prevê o líder como círculo central, e onde sua capitulação seria um golpe quase definitivo, uma vez que sem suas determinações, facilmente o regime não se sustentaria pela falta de decisões. E

muito provavelmente a guerra perderia força, uma vez que sem uma liderança neste nível os demais restantes estariam em cheque quanto a vontade e a capacidade de continuar a luta, pois estariam em estado de “Choque e Pavor”. Mas as informações transmitidas pela inteligência não eram corretas. Não há como definirmos o motivo da qualidade desse dado ter sido tão ruim, mas com certeza, como apresentado, a falta de agentes no território com antecedência deve ter sido crucial para essa qualidade, interferindo sobremaneira, conforme a própria lógica da doutrina do “Choque e Pavor”, que prevê as informações de inteligência corretas como característica crucial, sabendo-se que estas necessidades de inteligência são realmente indispensáveis. Sem elas, todo o poderio fica muito reduzido. Confirmando isso, Robert A. Pape conclui em seu artigo “O verdadeiro valor do poder aéreo” de 2004, que naqueles últimos 10 anos, o contínuo desenvolvimento do armamento de precisão, pouco fez para aumentar a força da estratégia de decapitação coercitiva ao inimigo, uma vez que muito se falhou devido a informações de inteligência inadequadas, quando se tentou realizar (Pape, 2004).

Infelizmente, levando em consideração a intensidade do esforço de inteligência indispensável à coleta de elementos, para impor o “Choque e Pavor”, provavelmente é uma busca inalcançável, devido à capacidade da comunidade de inteligência dos EUA (Linkous, 2003).

Dessa forma, o ataque apresentado não foi feliz, dentro das características da Dominância Rápida, em virtude da falta do pleno conhecimento do inimigo, oriundo de informações de inteligência confiáveis.

O segundo fato narrado é a tentativa de dominação da elevação Jabal Sanam. Embora pareça inicialmente irrelevante, já que não foi usada como ponto de observação durante toda a contenda, é importante analisá-lo sob a ótica da má coordenação. O ataque à bomba ocorreu muito próximo ao desembarque por helicóptero previsto das equipes de rastreamento e limpeza. Além disso, no contexto geral da guerra, onde se prioriza uma Dominação Rápida, com menor efetivo necessário, gastar tempo, pessoal e material em um objetivo que foi abandonado, e que não representava um ponto crítico, não faz sentido. Sendo assim, além de sugerir uma falta de preparo técnico das equipes de desembarque que tentaram realizar a operação em meio a um excesso de poeira das explosões recentes, devido à pressa ou à falta de preparo em condições reais, também expôs um início de campanha sem objetivos consistentes e desgastando o pouco contingente desnecessariamente.

Podemos pontuar negativamente a falta de brilhantismo necessário para o “Choque e Pavor”. Neste caso, a resistência foi mínima, mas se as forças iraquianas estivessem determinadas a defender aquele ponto como crucial, a chance das forças americanas não o dominarem, devido à dificuldade no desembarque, seria grande. Ficou claro posteriormente no transcorrer dos eventos que Saddam Hussein não pretendia realizar uma defesa forte próximo à divisa com o Kuwait, e por isso, o caso narrado não foi relevante.

Relembrando que o brilhantismo é indispensável para a busca de quebrar a vontade do adversário de resistir, já que se trata de manter a competência operacional no mais alto nível, explorando a superioridade do conhecimento, de forma geral, mas principalmente do ambiente e das iniciativas das ações, surpreendendo o inimigo (Linkous, 2003).

No próximo caso abordado, a dominação da ponte da Rodovia 1, destaca-se pela sua relevância operacional e até estratégica, uma vez que dominar as pontes, mantendo as mesmas íntegras, era essencial para o deslocamento rápido das tropas. Além disso, apesar de os batalhões de engenharia estarem preparados para construir novas pontes, vale lembrar que uma importante premissa política, era minimizar os danos à infraestrutura do país. O ponto negativo do caso surge no final, quando se revela que o principal motivo para a infiltração das forças especiais, que era fornecer informações em tempo real para as tropas e unidades aéreas, falhou. E pior ainda que a causa da tal falha foi um erro quase infantil de acerto de horário padrão entre planejadores, não esquecendo que em virtude disso, a tropa de operações especiais ficou tempo a mais em situação de perigo.

A doutrina de “Choque e Pavor” prevê um conhecimento amplo e total das informações para causar confusão mental no inimigo pela atuação precisa do opositor, o que não foi alcançado.

Mais uma vez, o fator decisivo foi a presença de uma tropa mais qualificada e fortemente armada, em um verdadeiro combate assimétrico, com forte apoio aéreo. Este exemplo, ainda que tímido, exemplifica bem a teoria do “Martelo e da Bigorna” de Robert A. Pape, onde em conjunto, um ataque simultâneo, por via aérea e terrestre, causa ao inimigo um derradeiro dilema. Uma vez que se o mesmo se manter concentrado, o ataque pelo ar pode ser devastador, porém em se espalhando, uma infantaria preferencialmente mecanizada bem-preparada, irá causar grandes baixas. (Pape, 2004)

A priori, este caso aparenta um bom exemplo de Dominação Rápida, principalmente devido à capacidade aérea atuando junto à força terrestre. Mas embora o controle da ponte tenha sido garantido, não se pode afirmar que havia um completo conhecimento do inimigo, contrariando as expectativas de uma dominação completa.

Logo é fato de que não ocorreu o planejado conhecimento amplo, com informações quase em tempo real que são condições “sine qua non” para o selo de garantia de “Choque e Pavor”.

Dando continuidade aos casos estudados, tratemos agora da infeliz situação do fratricídio, que dentro das perdas de vida da campanha na totalidade, foi realmente um caso muito infeliz. É óbvio que fica muito difícil se posicionar como os guerreiros que de fato vivenciaram a terrível arena de duelo, principalmente numa batalha urbana, no período noturno. Manter um completo domínio tático do avanço de todos os homens é muito desafiador. Entretanto, espera-se que um exército tão profissional e que recebe um investimento tão elevado, ao tentar realizar uma campanha de 'Choque e Pavor' em Dominância Rápida, não cometa um conjunto de falhas tão graves que resultem em um evento tão catastrófico. Essa situação é, portanto, inadmissível.

É difícil de indicar exatamente de quem foi o maior erro: se do oficial mais antigo, comandante da companhia Charlie que deveria certificar-se de que todos estavam amplamente cientes da movimentação em conjunto, se do comandante da companhia Bravo que autorizou o fogo do apoio aéreo aproximado, sem antes comunicar ao comandante da companhia Charlie, em desacordo com o que este havia ordenado, ou talvez até pelos operadores dos blindados, que deveriam ter confirmado a proteção contra ataque aéreo amigo, ou seja, as novas placas térmicas, junto as aeronaves A-10, especializadas no tão importante apoio aéreo, e que teriam grande chance de atuarem em conjunto.

Mas principalmente, os líderes na cena de ação perderam o controle do ambiente. Não estabeleceram um sistema de comando e controle mínimo. Nesse caso não me refiro especificamente à tecnologia, que muito provavelmente era ótima, mas sim a organização. Desta forma, a arquitetura funcional foi falha e não garantiu o compartilhamento do conhecimento quase perfeito do espaço de batalha, capaz de garantir o controle do ambiente (Linkous, 2003).

Sendo assim, no caso específico, não há dúvidas de que houve uma confusão fatal, que nada se assemelha com a doutrina de “Choque e Pavor”. A despeito disso, mais uma vez, a assimétrica superioridade do exército invasor, garantiu a vitória em Nasiriyah, o domínio daquela cidade, e a passagem segura para todo o contingente.

Agora analisando o último exemplo prático apresentado da Batalha, podemos entender melhor o ataque realizado pelos helicópteros Apache, que foi heroicamente anulado pelas forças de proteção do Iraque. O ataque em questão foi um grande exemplo de preparação e de estudo do oponente, porém para o lado do defensor. Muito em função do fato do atacante ser incontestavelmente mais poderoso. Os helicópteros utilizados são considerados uma arma de guerra dissuasória, incomparável e de altíssima tecnologia. Porém, até aquele momento, durante a campanha, pouco tinham demonstrado, e isso explica boa parte da ansiedade em realizar o ataque previsto. Logo, mesmo com as dificuldades de logística que surgiram, não se cogitou que o ataque não fosse realizado, ou que houvesse uma preparação melhor, até porque o inimigo era considerado quase indefeso diante dessa poderosa arma. Porém, o que ocorreu foi o inverso, o inimigo já havia previsto a utilização destas aeronaves e havia se preparado da melhor forma e com bastante criatividade.

E essa campanha infeliz figurou bem como exemplo da tese de Frank S. Linkous, onde o mesmo aponta que, quando o inimigo é capaz de criar estruturas de comando e controle descentralizado e realiza ações pré-planejadas, com tenaz determinação, e ainda a força atacante acaba falhando em acertar alvos ditos como certos, criam-se pontos de atrito que trazem grandes dificuldades na tentativa de atingir o “Choque e Pavor” (Linkous, 2003).

Dos exemplos que foram trazidos nesta análise, esse é o único que pode se dizer que os iraquianos tiveram uma vantagem tática, uma vez que conseguiram repelir o poderoso ataque americano. Entretanto, é inegável que, no contexto geral da campanha, a dificuldade foi superada com facilidade. De qualquer forma, como o principal objetivo da nossa análise é verificar a efetividade do “Choque e Pavor”. E para tal estamos analisando casos específicos, encontramos um dilema, uma vez que a tropa americana aqui era, sem dúvidas, o maior poder tecnológico e bélico, e tinha a intenção de realizar um ataque rápido e avassalador. Mas é fato que não estava apta para enfrentar um inimigo preparado, que havia estudado para aquele caso específico. A inteligência americana seria a grande responsável por não trazer

informações cruciais para a preparação da tropa, e nesse sentido, essa falta, foi ao que tudo indica, a principal falha. Logo é possível afirmar que mais uma vez o “Choque e Pavor” não foi verificado no transcurso desses acontecimentos.

E a rapidez, que era no caso, um tremendo fator de força, alinhada com a tecnologia e poder de fogo, não conseguiu implantar o “Choque e Pavor”.

Cabe também ressaltar que, neste caso final, mais que nos outros, ficou muito evidente a disposição dos defensores, em se contrapor a um inimigo incomparavelmente superior. Não podemos esquecer que a vitória psicológica contra o inimigo, tornando-o subjugado e sem a vontade de persistir é o grande objetivo de uma doutrina de Rápida Dominância. Por isso se aplica tanta força concentrada em alta tecnologia e poder de fogo, para causar “Choque e Pavor”, mas utilizando um contingente muito menor.

Agora, o que podemos garantir, depois desses cinco momentos da batalha, é que o inimigo, de forma geral, nunca esteve disposto a se entregar em virtude da demonstração de força militar americana.

Foram relatadas, sim, muitas rendições, mais essas podem ser muito bem explicadas pelas operações de informação realizadas até antes do início da invasão, onde o serviço secreto americano conseguiu enviar agentes, que em contato com os comandantes das divisões iraquianas mais ao sul, insistiram com eles para que se entregassem, sem lutar, conseguindo, segundo Franks, razoável sucesso (Keegan, 2005).

Mas essa falta da vontade de se render, muito pode ser entendido pela questão religiosa, abordada na seção 3.1 deste estudo, principalmente pelos casos dos *fedayins*, dos quais muitos nem eram iraquianos. E a Força Americana, tendo se engajado em uma contenda, nessa região tão propícia ao extremismo religioso, e não tendo essa premente possibilidade, demonstra um grande desconhecimento da realidade cultural do inimigo.

Houve também uma grande falha daquele que se diz disposto a implantar o regime de “Choque e Pavor”, uma vez que a doutrina é clara ao indicar como essencial uma ampla compreensão cultural do inimigo, visando quebrar a vontade de resistir do mesmo, entrando em sua mente e descobrindo as ferramentas onde incidir “Choque e Pavor”.

Como última análise é muito interessante exaltarmos a importância da arma aérea nos casos apontados, tendo sido decisiva neles todos, para o bem ou para o

mal. Isso na verdade expôs que, na totalidade da campanha, as aeronaves foram amplamente utilizadas, confirmando a estratégia aérea como importante vetor utilizado pelos líderes militares na busca de seus objetivos. E isso já há algum tempo, uma vez que desde a invenção do elemento aéreo, já era associado a incrível capacidade de realizar ataques de cunho estratégico. Evoluindo, em certa medida, numa mesma direção na imaginação dos pensadores estratégicos que se seguiram, como Liddell Hart, Pape, Warden, Boyd, entre outros. Que aplicaram este magnífico objeto como principal ferramenta, na busca de paralisar seus oponentes. E agora, não diferente, quando se pensa em Dominância Rápida, via “Choque e Pavor”, é quase impossível este elemento de poder não estar associado com as principais ações.

Corroborando com tal pensamento, podemos citar o caso das aeronaves F-22 *Raptors*, caça furtivo de dominação aérea, que a despeito de ser um programa extremamente caro, custando cerca de 70 bilhões de dólares só o desenvolvimento, e cuja hora de voo custam impressionantes 75 mil dólares, foi posto em fabricação e se tornou a aeronave mais avançada até hoje, mesmo tendo sido encerrada sua fabricação desde 2011. (Nikolov, 2023).

E isso se explica porque a Força Aérea dos EUA, conseguiu defender, junto ao congresso, sua aprovação de desenvolvimento a partir da segunda metade da década de 1990, com o argumento de que se o F-22 estivesse atuante na 1ª Guerra do Golfo no lugar do F-15, as baixas americanas poderiam ter sido reduzidas em até 25%. Taxa essa esperada em uma guerra futura, em lugares como a Coreia (O’Hanlon, 1999).

Logo, percebe-se aí também a teoria de Rápida Dominância presente, onde a intrínseca relação de alta tecnologia, visando diminuir expressivamente as taxas de mortalidade no campo de batalha, são altamente levadas em consideração pelos decisores. Porém também fica evidente que tal poder só é atingíveis por aqueles países que conseguem e querem investir consistentemente em defesa.

5 CONCLUSÃO

A Operação Liberdade Iraquiana, ocorrida em 2003, acontecia cerca de sete anos após a publicação de “Choque e Pavor: Alcançando a Dominância Rápida”. Desta forma estava latente entre os especialistas e correspondentes de guerra a oportunidade americana de colocar em prática todo o arcabouço teórico que a nova doutrina proporcionava. Além dos atributos tecnológicos, entre os mais relevantes as armas de precisão cirúrgica, que já faziam parte da dotação de guerra daquela nação. Logo, já no início da contenda, os noticiários identificavam a campanha como “Choque e Pavor”. Desta forma, nos dispomos a esclarecer se de fato a doutrina em questão foi aplicada, e mais a miúdo, se podemos observar sua efetividade do contexto da utilização do vetor aéreo. Até porque essa reflexão revisita a busca por entender a verdadeira evolução da estratégia aérea, interessante tema para futuras pesquisas.

Num primeiro momento apresentamos o cenário de pesquisa, sendo a própria operação militar, limitada pelo período entre 19 de março de 2003, início das investidas e 9 de abril do mesmo ano, queda de Bagdá. Não nos atemos ao período posterior, onde as tropas anglo-saxônicas se dedicaram a reestruturar o país.

Em seguida expomos o arcabouço teórico que utilizamos para o desenvolvimento da pesquisa, esclarecemos primeiramente o que seria a Dominância Rápida e como o “Choque e Pavor” se relaciona com essa teoria e os motivos que levaram ao seu desenvolvimento. Enfatizamos momentos históricos onde o “Choque e Pavor” já era exercido, demonstrando que não se trata de uma abordagem recente. Prosseguimos revelando as quatro características principais da teoria que foram muito relevantes no estudo elucidativo, sendo elas: conhecimento, rapidez, brilhantismo e controle do ambiente.

Continuando, foi possível observar uma ponte entre os pensamentos de Ullman e Wade com teorias já estabelecidas com as de Boyd e Warden, principalmente quando refletimos sobre a importância para os mesmos da arma aérea na tentativa de impor a paralisia estratégica. Desta forma, para elucidar melhor esta proposição, no fim do capítulo 2 também apresentamos mais consistentemente os pensamentos do Coronel John Warden, entendendo o sistema proposto de cinco anéis, bem como a já citada paralisia no adversário.

No terceiro capítulo dividimos os acontecimentos históricos em dois momentos: anterior ao conflito e a campanha em si. E isso se justificava primeiramente para

entendermos os motivos que levaram a nação americana principalmente, a buscar tão veemente essa libertação do Iraque dos domínios do ditador Saddam Hussein. Em seguida discorreremos sobre o conflito, mas a pesquisa histórica possibilitou que buscássemos momentos cruciais no decorrer da campanha para justificarmos com maior propriedade nossos apontamentos, sempre buscando relevantes participações da arma aérea, retirando nossas vendas e tentando construir o conhecimento através da observação de alguns momentos críticos entre inúmeros.

Indo então para uma análise profunda, revivemos as situações apresentadas e, comparando-as com a teoria do “Choque e Pavor”, podemos concluir que nossa hipótese foi acertada. Observamos que a doutrina em questão não foi plenamente aplicada, devido a vários fatores, principalmente a sua imensa complexidade operacional e tecnológica. Também verificamos a prioridade na utilização de aeronaves, dada a sua relevância na aplicação prática do “Choque e Pavor”. Releva entender como um influenciará a evolução do outro em termos estratégicos, o que consideramos um tema interessante para estudos futuros.

Além disso, podemos também entender que dois fatores foram cruciais para concluirmos que a doutrina não foi aplicada em sua essência: primeiramente a péssima participação da inteligência, onde sem a mesma, pouca expectativa poderia haver em estabelecer uma dominância, já que o conhecimento dos fatos relacionados ao inimigo não ajudou, ou até atrapalhou. E como segundo fator, o advento do fanatismo religioso na equação da guerra, que foi mais explicado no terceiro capítulo, dificulta grandemente a construção de um efetivo estado de “Choque e Pavor”.

Apresentamos, ao longo dos acontecimentos, a importância da força aérea como um participante crucial. Desde o início do conflito, houve tentativas de realizar um golpe decisivo, alinhado à teoria dos cinco anéis, que tem como principal alvo a liderança central. Nesta tentativa, a estratégia do “Choque e Pavor” poderia ser eficaz, pois a neutralização da autoridade máxima, o ditador, levaria ao desmantelamento total do regime. Mas devido às falhas de inteligência, principalmente, tivemos o primeiro ponto negativo para a aplicação da doutrina. No segundo evento, a tomada de Jabal Sanam, não conseguiu ser concluída, muito em função da falta de brilhantismo, em desacordo com a expectativa sobre uma tropa de Dominância Rápida, mais uma vez pontuando negativamente.

No caso que se segue, a dominação da ponte da Rodovia 1, mesmo tendo ocorrido a tomada daquele importante ponto, o conhecimento amplo do ambiente ficou

em segundo plano. Continuando a análise, nos deparamos com o terrível caso do fratricídio, ponto culminante, onde a falta do controle apurado, indispensável para o Choque e Pavor, cobrou caro.

Num último momento, analisamos o fatídico ataque dos Apaches, que estava coberto de expectativas e reverteu-se para uma grande decepção. Onde pontuamos que mesmo com todo poderio e rapidez dos atacantes, a preparação do adversário foi mais efetiva.

Desta forma, uma vez que a questão que colocamos foi: A doutrina da Dominância Rápida, que utiliza o conceito de “Choque e Pavor”, foi efetivamente aplicada na operação *Iraqi Freedom* de 2003, no contexto dos ataques aéreos? A pesquisa nos permitiu concluir que não, verificando o conflito analiticamente.

Mas também não deixa de chamar a atenção que, se o “Choque e Pavor” não foi estabelecido, o que fez da Operação então um grande sucesso? A simples tentativa de impor o “Choque e Pavor”, utilizando o poder aéreo em conjunto com a tropa terrestre, já é suficiente para subjugar o adversário?

Talvez o grande valor da doutrina do “Choque e Pavor” esteja em ser uma abordagem, ou uma grande ferramenta de estímulo, para a preparação de grandes exércitos, e logo funcionando como um apogeu inalcançável de propósito.

REFERÊNCIAS

- CAHLINK, George A. **Better “Blue Force” Tracking**. Air & Space Force Magazine, 2004, Disponível em: <https://www.airandspaceforces.com/article/0604blue/>
Acesso em:
- DOUHET, Giulio. **O domínio do ar**. Rio de Janeiro: INCAER, 1988.
- FILHO, Paschoal Mauro Braga Mello. **Iraque 2003: a Doutrina do Choque e Pavor e o Princípio da Necessidade Militar**. Rio de Janeiro: Revista Marítima Brasileira 3ºT, p. 138-158, Rio de Janeiro, 2018.
- DERROTA com Apaches deverá mudar planos, Folha de São Paulo, São Paulo, 25 mar. 2003. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft2503200304.htm>
Acesso em: 19 mar. 2024
- PERITO diz que era mesmo Saddam. Folha de São Paulo, São Paulo, 25 mar. 2003, Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft2503200302.htm>
Acesso em: 18 mar. 2024
- PRADOS, Luis. **Autor do “Choque e Pavor” vê incerteza no pós-guerra**. Folha de São Paulo, São Paulo, 4 abr. 2003. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft0404200330.htm#:~:text=Harlan%20Ullman%20-%20O%20conceito%20surgiu,e%20com%20uma%20força%20menor.>
Acesso em: 18 mar. 2024
- GIBSON, David J. **Shock And Awe: A Sufficient Condition For Victory?** Newport, RI: Naval War College, Artigo Submetido, 2001.
- GORDON, Michael R. **Iraque: um conflito polêmico**. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 2010.
- KEEGAN, J. **A guerra do Iraque**. Tradução de Laís Andrade. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2005.
- LINKOUS, Frank S. **“Shock And Awe”: An Operational Art Critique**. Newport, R.I., Naval War College, Artigo Submetido, 2003.
- MAGNOLI, Demétrio. **História das guerras**. 3. Ed São Paulo: Contexto, 2006.
- POOR Intelligence Mised Troops About Risk of Drawn-Out War. New York Times. New York N.Y., 20 out. 2004, Disponível em: <https://www.nytimes.com/2004/10/20/world/poor-intelligence-mised-troops-about-risk-of-drawnout-war.html?smid=url-share>. Acesso em: 10 mar. 2024.
- NIKOLOV, Boyko. **Military doesn’t want the F-22, the politicians want the F-22**. 10 dez. 2023, Disponível em: <https://bulgarianmilitary.com/amp/2023/12/10/military-doesnt-want-the-f-22-the-politicians-want-the-f-22/#origin=https%3A%2F%2Fwww.google.com%2F&cap=swipe,education&webview>

=1&dialog=1&viewport=natural&visibilityState=prerender&prerenderSize=1&viewerUrl=https%3A%2F%2Fwww.google.com%2Famp%2Fs%2Fbulgarianmilitary-com.cdn.ampproject.org%2Fc%2Fs%2Fbulgarianmilitary.com%2F2023%2F12%2F10%2Fmilitary-doesnt-want-the-f-22-the-politicians-want-the-f-22%3Fusqp=mq331AQIUAKwASCAAgM%25253D&_kit=1

Acesso em: 6 ago. 2024.

O'HANLON, Michael E. **The Plane Truth: Fewer F-22s Mean a Stronger National Defense**. 1º set. 1999, Disponível em: <https://www.brookings.edu/articles/the-plane-truth-fewer-f-22s-mean-a-stronger-national-defense/>

Acesso em: 6 ago. 2024.

PAPE, Robert A. **The True Worth of Air Power**. Foreign Affairs, v 83, n 2, p. 116-130. Disponível em: <https://www.foreignaffairs.com/united-states/true-worth-air-power>. Acesso em: 10 jul. 2024.

RAMOS, Marcelo Maffei Martins. **Aeronaves Remotamente Pilotadas Nas Operações De Ataque: Sua Aplicação Na Guerra Contra O Terrorismo, A Partir De 2001**. Rio de Janeiro: Escola de Guerra Naval, Trabalho de Conclusão de Curso, 2018.

ULMAN Harlan K., WADE James P. **Shock And Awe: Achieving Rapid Dominance**. 1996. National Defense University. Disponível em: https://www.dodccrp.org/files/Ullman_Shock.pdf

WARDEN, John A. **The Enemy as a System**. Air Power Journal, v. 9, n. 1, p. 41-55, 1995. Disponível em: www.airuniversity.af.edu/Portals/10/ASPJ/journals/Volume-09_Issue-1-Se/1995_Vol9_No1.pdf. Acesso em: 16 jun. 2024.

SHOCK and Awe the idea behind the Buzzwords, Washington Post, Washington D.C., 29 mar. 2003. Disponível em: www.washingtonpost.com/archive/opinions/2003/03/30/shock-and-awe-the-idea-behind-the-buzzwords/99a67ab7-995f-407b-a5f1-f7ddfe6cff3b/ Acesso em: 14 jul. 2024.

WOODWARD, B. **Plano de ataque**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Globo, 2004.